

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

EUCILENE MAIA FRANCO

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA DA
ALTERNÂNCIA: UM OLHAR SOBRE A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA REI
ALBERTO I – NOVA FRIBURGO -RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, para obtenção do título de mestre em Educação.

ORIENTADOR: WOLNEY LOBATO
BELO HORIZONTE
SETEMBRO - 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F825e	<p>Franco, Eucilene Maia</p> <p>Educação ambiental no contexto da pedagogia da alternância : um olhar sobre a Escola Família Agrícola Rei Alberto I – Nova Friburgo – RJ / Eucilene Maia Franco. Belo Horizonte, 2007.</p> <p>121f. : il.</p> <p>Orientador: Wolney Lobato</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>1. Educação ambiental – Rio de Janeiro (RJ). 2. Alternativas pedagógicas. 3. Ensino agrícola. 4. Escola Família Agrícola Rei Alberto I (Nova Friburgo, RJ). I. Lobato, Wolney. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título</p> <p>CDU: 577.4:37</p>
-------	--

Agradecimentos

À memória dos meus pais Dona Valdinha e Sr. Miranda, pelas sementes de amor que tão bem souberam cultivar em mim.

Aos meus filhos Túlio e Camilla, com carinho.

Ao companheiro de sonhos e caminhadas, Túlio, pela cumplicidade e encantamentos.

À professora Magali Castro, pelos ensinamentos e carinho com que acolheu esta pesquisa.

*Ao professor Wolney Lobato, que, por acreditar, me ajudou a transformar esse sonho em realidade.
Minha eterna gratidão.*

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA PEDAGOGIA DA
ALTERNÂNCIA: UM OLHAR SOBRE A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA REI
ALBERTO I – NOVA FRIBURGO -RJ**

Sumário

Lista de Abreviaturas	6
Resumo	7
Abstract	8
Introdução	9
Referenciais Teóricos e Conceituais	16
1. Ensino Técnico Agrícola no Brasil: breve retrospectiva	18
2. EFAs e Pedagogia da Alternância	23
. O processo formativo na Pedagogia da Alternância	33
. O porquê da Educação Ambiental neste contexto	38
3. Metodologia	47
4. <i>Locus</i> da Pesquisa - EFA Rei Alberto I	51
5. Pedagogia da Alternância e Educação Ambiental na EFA: resultados da pesquisa	55
5.1 Implantação da Proposta e desenvolvimento dos projetos	55
5.2 A relação entre a escola e as famílias	65
5.3 Os professores e a formação para o trabalho com a Pedagogia da Alternância	66
5.4 A visão dos professores sobre a Pedagogia da Alternância: sua importância, dinâmica e dificuldades	70
5.6 A visão dos ex-alunos sobre a EFA e seus projetos	85
6. A Pedagogia da Alternância como uma alternativa para a educação no meio rural: reflexões a partir da pesquisa	88
Considerações finais	99
Referências bibliográficas	102
Anexos	107

Lista de Abreviaturas

CFR - Casa Familiar Rural

EFA - Escola Família Agrícola

IBELGA – Instituto Bélgica

MFR - Maisons Familiales Rurales

MG – Minas Gerais

ONG – Organização Não Governamental

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

REBRAF - Rede Brasileira Agro Florestal

RIMA - Relatório de Impacto Ambiental

RS – Rio Grande do Sul

SP – São Paulo

UNEFAB - União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas

UNMFREO - Maisons Familiales Rurales d'Education et d'Orientation

Resumo:

Nesta pesquisa, contextualizamos de maneira geral o Ensino Técnico Agrícola no Brasil, e, em particular, a Escola Família Agrícola (EFA) Rei Alberto I, situada no município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, onde verificamos como ocorre a Educação Ambiental na modalidade educacional da Pedagogia da Alternância. Realizamos uma investigação qualitativa utilizando como abordagem metodológica o estudo de caso. Além das observações e da análise documental, foram feitas entrevistas com professores do núcleo comum, professores da educação profissionalizante, diretor e ex-alunos. Também aplicamos um questionário aos alunos da turma do 3º ano de 2006 do Ensino Médio / Profissionalizante da escola. Os dados foram ordenados e classificados paralelamente à revisão da literatura e estudados à luz dos referenciais teóricos utilizados, buscando responder às questões do estudo. Foi analisada a inserção da Educação Ambiental no contexto da Pedagogia da Alternância, a atuação dos professores, sua formação e preparação para as atividades de Educação Ambiental e o envolvimento da comunidade rural / escolar com a educação ambiental proposta. A pesquisa revelou que o trabalho interdisciplinar que envolve a questão da Educação Ambiental apresenta uma fragmentação nítida entre o núcleo básico e o núcleo profissionalizante. O núcleo básico continua com uma preocupação muito grande em relação ao conteúdo clássico do Ensino Médio. Já os professores do núcleo profissionalizante, pelo fato de lidar em principalmente com técnicas aplicadas à agricultura na região, se vêem mais á vontade para fazerem discussões com os alunos sobre as conseqüências, caso não sejam aplicadas técnicas corretamente sustentáveis. Inferimos que a Pedagogia da Alternância, no caso estudado, tenha conseguido com sucesso, agregar conhecimento, acumular informações, sensibilizar os educandos nos cuidados com a própria escola, mas não tenha conseguido alterar o significado que os alunos atribuem ao seu próprio meio, à sua realidade, o que por sua vez, não possibilita que os mesmos atuem na realidade no sentido de modificá-la. Para que possamos atuar de forma adequada, visando a modificação da realidade, necessitamos incorporar novos valores e ressignificar nossa existência, para o que a Educação Ambiental é imprescindível, na medida em que aponta para uma educação transformadora e construtora de novas posturas, hábitos e condutas.

Palavras-chave: Pedagogia da Alternância; Escola Família Agrícola; Educação Ambiental.

Abstract

This study generally contextualizes the Agricultural Technical Education in Brazil by analyzing how the Environmental Education is applied through the Alternance Pedagogy educational approach at Rei Alberto I Family Farming School (EFA – Escola Família Agrícola), in Nova Friburgo, Rio de Janeiro State. A qualitative research was made using as methodological approach this case study. Besides performing observations and documental analysis, common core and vocational education teachers, director and former students were interviewed. Also, in 2006, a questionnaire was applied to last-year (equivalent to 12th grade) students from the Secondary / Vocational Education of this school. The data was ordered and classified together with the literature review, and studied according to the theoretical reference used, trying to answer this study's questions. We analyzed: the Environmental Education application in the context of the Alternance Pedagogy, the teachers' participation, formation and preparation for Environmental Education activities, and the rural / school community involvement in the proposed environmental education. The research has revealed that the interdisciplinary work related to the Environmental Education presents a visible fragmentation between the basic and vocational education. The basic education keeps on concerning more over the Secondary Education traditional contents. On the other hand, the Vocational Education educators, who mostly deal with the farming techniques applied in their fields, feel more comfortable to discuss with their students the consequences of not properly applying sustainable techniques. We realized that in this case study the Alternance Pedagogy has been successful in acquiring knowledge, collecting information, and sensitizing students to their school's preservation. However, it may not have changed the meaning students attribute to their own environment – their own reality – which makes impossible for them to act towards its modification. For an adequate approach, aiming for changes in our reality, we need to incorporate new values and reconsider the purpose of our existence, in which the Environmental Education is essential since it points out to a transforming education that creates new attitudes, habits, and behavior.

Keywords: Alternance Pedagogy; Family Farming School; Environmental Education

Introdução

Nesta pesquisa, contextualizamos de maneira geral o Ensino Técnico Agrícola no Brasil, e, em particular, a Escola Família Agrícola (EFA) Rei Alberto I, situada na localidade de Baixada de Salinas, no Distrito de Campo do Coelho, município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.

Verificamos como ocorre o processo de Educação Ambiental realizado pelos professores nesta escola técnica agrícola, cuja modalidade pedagógica é a Pedagogia da Alternância. Almejamos ainda, averiguar se os professores tiveram alguma orientação em relação à Educação Ambiental, e a influência desta ação educativa em sua formação. A partir desses dados podemos identificar o envolvimento da comunidade rural e escolar com a educação ambiental proposta.

Para a realização desta pesquisa, sentimos necessidade de situar através de uma breve retrospectiva, a situação do ensino técnico agrícola no Brasil. Buscamos, na origem histórica do nosso País, a necessidade e os interesses em se cultivar a terra, seja pela obtenção dos recursos para a então colônia, ou no intuito de colonizar a terra para resguardá-la de outros exploradores. Passamos um pouco pelos caminhos dos jesuítas que, não podendo deixar de mencionar, foram os primeiros a lidar com o manejo “educativo / evangelizador”, do solo. Discorreremos, também, sucintamente, sobre a questão do processo migratório no interior das províncias das zonas rurais para as promissoras zonas urbanas, o que favoreceu a geração de um grande contingente populacional marginal à sociedade. Isso, por sua vez, propiciou grandes preocupações nas elites das cidades, estimulando políticos e

literatos a discutirem sobre as necessidades do ensino técnico-profissional. A partir desses fatos permite-se, portanto, entender por que o ensino técnico, em nosso país, teve a sua origem nas chamadas escolas dos desvalidos. Reforçando a importância e a necessidade do Ensino Agrícola em nosso País, nos remetemos aos escritos de Sehnem:

O Ensino Agrícola, quando objetiva a formação de um profissional que atue como agente de transformação social no meio rural, pode fornecer condição necessária para colaborar diretamente com a diminuição do êxodo rural, melhoria das condições de vida da família rural, aumento da produção e da atividade agrícola, principalmente para os pequenos e médios produtores rurais e ampliação das ofertas educacionais. (Sehnem, 2001 p. 13).

Posteriormente, citamos a questão da formação em alternância, que compreende um itinerário com percursos de idas e vindas, envolvendo o “Centro de Formação” e a família, a então - Pedagogia da Alternância. Essa modalidade de escola é voltada para a realidade do pequeno produtor e do trabalhador rural, onde se trabalha a agricultura familiar de maneira organizada e participativa. Os alunos freqüentam a escola, trabalham e exercem as atividades orientadas no campo de trabalho da família, em semanas alternadas.

Essa modalidade pedagógica é desenvolvida em escolas denominadas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Os alunos dessas, são mais que alunos, são atores sócio-profissionais em formação permanente, que adquiriram, ao longo de sua experiência de vida pessoal, familiar, profissional, social e cultural, vários saberes e conhecimentos, que precisam ser socializados, fazendo da escola um lugar contínuo de ensino e aprendizagem. A proposta pedagógica das EFAs apóia-se numa educação centrada na formação integral do ser humano, na qualificação profissional dos jovens e na organização

comunitária, valorizando os laços familiares, a herança cultural e o resgate da cidadania. Busca contribuir para o desenvolvimento rural, mediante a produção familiar economicamente viável, de baixo impacto ambiental, e socialmente justo e solidário. A essência da Pedagogia da Alternância centra-se em quatro grandes eixos: gestão desempenhada por uma associação de agricultores; metodologia pedagógica específica; formação integral dos jovens e compromisso com o desenvolvimento rural sustentável. Para cumprir esses eixos, essa pedagogia utiliza instrumentos pedagógicos, tais como: plano de estudo (pesquisa participativa); caderno da realidade (registro da vida do aluno); visitas às famílias (conhecimento da realidade do aluno e estreitamento da relação escola-família); visita de estudos (confronto e comparação de experiências); estágios (indicações para escolha da profissão e desenvolvimento do projeto profissional) e avaliação geral de todo o processo formativo.

Com essa prática educativa, o aluno aplica, em casa, saberes a partir do aprendizado que ele constrói no espaço escolar. A formação do aluno pela alternância não se limita a um ou dois atores, mas se estende a toda a complexidade do mundo que envolve a vida do aluno, onde nenhum dos elementos que intervêm é passivo. Todos são parceiros, co-autores, co-responsáveis e comprometidos. A Pedagogia da alternância não é uma facilidade pedagógica, como nos afirma Gimonet (1998), ela permite a possibilidade de deixar de lado uma pedagogia plana para uma pedagogia no espaço e no tempo. Com essa modalidade pedagógica, não nos encontramos mais somente na clássica triangulação professor-aluno-saber no seio de uma classe. A vivência do aluno, além de impactar sua aprendizagem, ressignifica

as atividades produtivas que o mesmo realiza. Pois, “só a dinâmica da pedagogia ativa não basta, é preciso entrar na pedagogia experiencial, na pedagogia da complexidade” (Gimonet, 1998), complexidade essa que liga sujeito ao ambiente em que ele vive, respeitando, portanto, a sua diversidade.

Buscamos a relação existente entre essa modalidade de Escola Técnica Agrícola e a forma como se trabalha os recursos naturais na região, já que a produção agrícola passa pela utilização desses recursos. A questão-chave da investigação é de como se faz essa utilização.

Para efetivarmos este estudo, adotamos o conceito de Educação Ambiental de Philippi Junior e Peliconi:

A Educação Ambiental é um processo de educação política que possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como a formação de atitudes que se transformam necessariamente em práticas de cidadania que garantem uma sociedade sustentável. (PHILIPPI Jr, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi, 2000 p.03).

Para nos situarmos no campo, recorreremos ao termo *habitat*. Esse termo, como é caracterizado no dicionário da língua portuguesa; retrata o lugar de vida de um organismo com todas as características ecológicas do lugar específico, habitado por um organismo ou população. Trata-se, também, de uma expressão que nos conduz ao senso comum, como algo natural, aquilo que identificamos como parte da realidade, assim como o meio ambiente. Só que, muitas vezes, nem nos percebemos na nossa relação com esse lugar. Ele está lá, naturalmente nos provendo dos recursos necessários para a nossa sobrevivência. Essa contínua “utilização” de recursos gera um conflito dinâmico e constante, o que é evidenciado no descompasso entre a ampliação dos debates, mudanças no comportamento e tentativas de se resolver os principais problemas que caracterizam a chamada crise ambiental.

Pressupõe-se uma relação dialética entre sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre *habitus* individual e a estrutura de um campo socialmente determinado. Se vertermos para o campo como campo ambiental, mais precisamente o espaço em que se vive e como se ocupa esse espaço, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais teriam, na realidade, uma dada conjuntura, com suas regras próprias. ... *“é uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história.”* (Bourdieu, 1998, p.83).

O Projeto Pedagógico de uma EFA visa, além da formação integral do indivíduo, um comprometimento com o desenvolvimento sustentável. Não há desenvolvimento local sem que haja desenvolvimento das pessoas, e destas com o meio em que vivem. Nessa perspectiva, a Pedagogia da Alternância busca a interação entre a formação das pessoas envolvidas e o desenvolvimento local sustentável. Como a Escola Técnica Agrícola opera diretamente com os recursos naturais regionais, torna-se fundamental verificar o processo da Educação Ambiental vigente na EFA em questão; a abordagem dessa temática pelos professores, o envolvimento da comunidade em si, bem como a identificação dos elementos dificultadores e facilitadores dessa ação educativa. Para tentar analisar situações como essas, mergulhamos nesse interessante universo pedagógico; trilhando caminhos, dialogando com educadores, educandos, diretor e ex-alunos da EFA Rei Alberto I.

A pesquisa teve como objetivo geral, verificar o processo da Educação Ambiental, em uma escola técnica agrícola, na modalidade Pedagogia da Alternância; e como objetivos específicos: identificar como a Educação

Ambiental se insere no contexto da Pedagogia da Alternância e como é realizada pelos professores na Escola Técnica Agrícola Rei Alberto I; averiguar se os professores tiveram alguma orientação em relação à Educação Ambiental. E a influência dessa ação educativa em sua formação; detectar a percepção dos professores em relação às dificuldades e alternativas para trabalhar Educação Ambiental no contexto da Pedagogia da Alternância; identificar o envolvimento da comunidade rural / escolar com a educação ambiental.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho, parte do pressuposto que teoria e prática são indissociáveis, devendo haver em torno dos campos teóricos sugeridos como referência para o estudo, a interação com o fazer cotidiano na educação. É como diz Minayo (1999 p.10): “o privilégio presente em toda atividade teórica supõe um corte epistemológico e um corte social e ambos governam sutilmente essa realidade”. Para verificar se ocorre Educação Ambiental na modalidade educacional da Pedagogia da Alternância, na EFA Rei Alberto I, realizamos uma investigação qualitativa, utilizando como abordagem metodológica o estudo de caso, procurando uma pesquisa de profundidade, para interpretação dos fenômenos verificados, em relação aos processos educacionais encaminhados nesse estabelecimento de ensino, mais especificamente no Curso Técnico Agrícola.

Ao fazermos a leitura e análise dos dados, conseguimos ter uma visão mais ampla da Pedagogia da Alternância e buscamos responder às questões de estudo relativas à Educação Ambiental no contexto dessa modalidade pedagógica na EFA Rei Alberto I.

Pesquisas como esta tem o potencial de revelar como uma comunidade de pequenos produtores agrícolas, que vive nas imediações de uma reserva de mata atlântica interage com o ambiente em que vive. Ressignificando ou não o valor de uma educação técnica diferenciada como a Pedagogia da Alternância. As brechas que se abrem entre o conhecimento científico e o saber popular passado geração após geração de pais para filhos deixam como testemunha, num tempo fora do tempo do homem, apenas a terra propriamente dita. Sob a ótica do cuidado ambiental e a forte relação entre o homem do campo e a terra, quando ele se apropria do território com o sentimento de pertença, fica a indagação e a resposta da terra, do tempo e o que sobrou dos cuidados designados a ela.

Referenciais teóricos e conceituais

1- Ensino Técnico Agrícola no Brasil: breve retrospectiva

Sabe-se que, desde o início da colonização do Brasil, pelos portugueses, em 1532, houve uma preocupação com o cultivo das terras, visando com isso não só garantir a posse, como também atender às exigências de um sistema baseado no latifúndio e nas relações escravocratas. Desenvolveu-se, então, segundo Sehnem (2001), uma sociedade aristocrática, hierarquizada, conseqüente de estrutura tradicional e feudal.

O cultivo das terras visava garantir a posse e o povoamento da colônia, pois o esgotamento das matas costeiras de pau-brasil, a possibilidade da existência de ouro e o perigo da usurpação do território para outra potência, desencadearam, no governo português, a necessidade de empreendimentos voltados para a colonização, em termos de povoamento e cultivo da terra.

No início da colonização brasileira, os jesuítas ensinavam aos índios, e posteriormente aos escravos, o cultivo da terra, sem o intuito de difundir a instrução profissional, pois seu grande objetivo era a difusão da evangelização. O ensino agrícola era almejado logo no primeiro plano educacional, pois era imprescindível formar o pessoal capacitado em funções essenciais à vida da colônia. Os interesses das camadas dominantes portuguesas e, em especial do componente capitalista-mercantil é que iriam determinar (e determinam) o produto a ser cultivado no Brasil. A cultura da cana – de - açúcar, que dominou a economia do país até a metade do século XIX, passa a ser cultivada no Nordeste, pelas características favoráveis do clima e do solo, exigindo grande mão-de-obra, porém não especializada, onde se utilizou o cultivo extensivo das terras, sendo possível obter o máximo de produção sem investimento técnico.

No decorrer da transformação política da Colônia para o Império, em 1822, surgiu a necessidade de utilização de novas técnicas de exploração do solo, que permitissem acompanhar a evolução e o sustento da nova sociedade, atividade que era anteriormente desenvolvida pelos jesuítas.

Durante a fase imperial, surgiram as primeiras discussões abordando a possibilidade de instituições de ensino agrícola no Brasil, a fim de formar indivíduos para exercerem as atividades agrícolas. O primeiro estabelecimento agrícola do Brasil data de 23 de junho de 1875 e recebeu o nome Imperial Escola Agrícola Bahia, situada no Engenho de São Bento das Lages, Câmara de Santo Amaro. Ainda no mesmo período, foram criadas mais três escolas agrícolas, uma na cidade de Pelotas (RS), outra em Piracicaba (SP) e uma terceira no município de Lavras (MG). Lentamente, essas escolas foram ampliando a sua área de profissionalização, através das disciplinas técnicas para a formação de veterinários.

Já no final do Período Imperial, verifica-se um processo migratório, no interior das províncias, das zonas rurais para as promissoras zonas urbanas. As cidades, então, além dos comerciantes, empresários e trabalhadores livres, abrigavam uma população de desocupados, que crescia desvinculada das atividades econômicas novas ou tradicionais. Essa população marginal gerou grandes preocupações às elites das cidades, o que estimulou políticos e literatos a discutirem sobre as necessidades do ensino técnico-profissional. A partir desses dados é permitido entender por que o ensino técnico, em nosso país, teve a sua origem nas chamadas escolas dos desvalidos. Dentre os projetos realizados, poucos empreendimentos de vulto e relevância como o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro (1856), o de São Paulo (1874) e a

transformação do Asilo de Menores Desvalidos, no Rio de Janeiro em Escola Masculina, também em 1874. Salvo esses casos, poucas e esparsas escolas agrícolas sobreviveram, principalmente aquelas em forma de internatos, dada a origem e à condição social dos seus alunos.

Na fase republicana, segundo Sehnem (2001), começaram a surgir iniciativas para a formação de profissionais para o trabalho na agricultura. Aos poucos, os órgãos governamentais e áreas de pesquisa agrícola incentivaram o surgimento de escolas de ensino agrícola nos estados. O Governo Federal promoveu, então, reformas na parte relativa ao ensino profissional que, por meio do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, regulamentou esse ensino com o Decreto nº 1.606, de 29 de dezembro de 1906. E, no dia 20 de Outubro de 1910, pelo Decreto nº 8.319, foi criado o Ensino Agrônômico no Brasil.

A partir do ano de 1919, ocorreu a formação de duas modalidades de ensino agrícola: ensino nos Patronatos Agrícolas e na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária. O ensino nos Patronatos Agrícolas era destinado às classes pobres e visava à educação moral, cívica, física e profissional de menores desvalidos e daqueles que, por insuficiência de capacidade de educação na família, fossem postos à disposição do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Já o da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária destinava-se a ministrar, em cursos distintos (naturalmente com clientela também distinta), a alta instrução profissional, técnica e experimental referente à agricultura, à veterinária e à química industrial.

Neste período, (até a década final da Primeira República), percebe-se a diferenciação da população rural e urbana com relação à educação. No meio rural, considerava-se desnecessária a escolarização. Enfrentou-se também um processo de êxodo em direção aos médios e grandes centros, que de um lado serviam como reserva de mão-de-obra, com a finalidade de avistar o valor do salário e, de outro, devido à falta de mão-de-obra no campo, levaram à redução de culturas, de produtos básicos.

Tornou-se necessária a elaboração de algumas metas, por parte do governo nacional, para nortear os programas educacionais rurais, com o objetivo de superar a falta de mão-de-obra qualificada e o êxodo rural, onde, segundo Calazans:

O período que vai de 1910 a 1930, foram criadas 17 escolas agrícolas que somadas às do Período Imperial, ofereciam o seguinte quadro: funcionavam 20 escolas, sendo seis com curso de Agronomia e Veterinária; dez somente com cursos de Agronomia e quatro apenas com curso de Veterinária; formaram-se 1.577 agrônomos e 394 veterinários, numa média anual de 70 agrônomos e 20 veterinários (Calazans, 1979, p. 83).

Apesar de essencialmente agrícola, o Brasil só reconheceu a necessidade de maior desenvolvimento nesse setor, recentemente. Segundo Souza (1984), a profissionalização encarada como obra de educação sistematizada e regular chegou, historicamente, em nosso País, como exigência do setor secundário, quando o mesmo começou a se urbanizar e uma incipiente industrialização passou a exigir presença, nos postos de trabalho, de mão-de-obra bem mais qualificada.

Segundo Magela Neto (2002), a organização do ensino agrícola no Brasil aconteceu com a promulgação do Decreto-Lei nº 9.613, de 20 de Agosto de 1946, conhecido também como lei orgânica do ensino agrícola.

Rocha (2002), em seu texto “A construção histórica da escola no meio rural” nos fala que

o papel da escola no meio rural é tema de debate desde o final do século XIX. Desde então, esse debate caracteriza-se pela diversidade de opiniões sobre o assunto e pela presença no cenário de educadores, intelectuais, religiosos e políticos movimentando-se em torno de congressos, leis, programas e projetos.(Rocha, 2002).

Essa autora afirma, ainda, que a escola no meio rural é organizada em pelo menos três grandes posições: um lugar puro, idílico e bom que deve ser preservado; um lugar onde o rural assume o lugar do atraso; e em terceiro, essa escola deve caracterizar-se por considerar o meio rural como mais um espaço para se viver e trabalhar. Para tanto, a escola teria o papel de resgatar, sistematizar e ampliar saberes e práticas, formando os sujeitos para a inserção em qualquer ambiente social.

Todo debate em torno dessa questão traduziu-se em ações que acabaram fortalecendo o sistema escolar rural. Na década de trinta, o Governo Federal priorizou a educação rural, já na tentativa de combater a migração em sua essência. Os governos municipais tinham, então, total liberdade para contratar e demitir professores, construir e fechar escolas e um escasso controle relativo às verbas destinadas para esse fim. Foi quando se construiu o cenário, ainda presente no meio rural: as salas de aula só existiam onde o fazendeiro apoiava o prefeito; os educadores eram, então, contratados conforme o interesse de ambos; quase nenhum investimento era feito em termos de escolarização, capacitação e acompanhamento pedagógico das professoras.

A Lei de Diretrizes e Bases, promulgada em 1996, ao municipalizar a Educação Básica, traz (juntamente com o movimento social no campo) para a

cena nacional o debate sobre a escola no meio rural. Nesse processo, a maioria dos municípios desconheceu sua própria história em termos da gestão escolar, bem como a presença das escolas alternativas gerenciadas por movimentos sociais. Implantaram projetos que visavam dar soluções imediatas para problemas históricos do ofício de professora, da situação da escola e do papel desta diante dos alunos do meio rural. Realizaram-se concursos, extinguindo assim a imagem da professora leiga. Essas foram demitidas e/ou absorvidas em serviços de merendeira e faxineira. As escolas com apenas uma sala foram fechadas e os alunos encaminhados para escolas na zona urbana ou para as vilas mais próximas.

Esse contexto proporcionou, por parte dos movimentos sociais, sindicais e religiosos, a articulação “Por uma Educação Básica do Campo”. Esse movimento produziu encontros locais, regionais, estaduais e nacionais, publicações e parcerias com as universidades, organizações não-governamentais e governamentais internacionais e nacionais. Através desse movimento, foi possível pressionar o Governo Federal para criar o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) em 1998 e a elaboração, pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, das “Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo”.

Até por volta dos anos 70, assiste-se o que pode ser considerado como abandono da escolarização no meio rural. A escola deixa de ser o foco dos interesses políticos, pedagógicos e financeiros da União, cabendo aos estados e municípios a responsabilidade pelo gerenciamento do sistema. Como a grande maioria da população não conseguia ser atendida ou acabava em escolas precárias, abria-se a oportunidade da discussão sobre a importância

da escola. É nesse espaço, entre movimentos sociais, partidos políticos, igreja, universidades e organizações não-governamentais que surgem as escolas alternativas. Estas escolas funcionam, geralmente, fora do sistema público e gestam idéias e práticas que dão outro significado à função pedagógica, política e social da escola no campo. A rede das Escolas Famílias Agrícolas (EFA's) é um dos exemplos deste processo.

2- EFAs e Pedagogia da Alternância

A Pedagogia da Alternância, segundo CHEQUETO (2002 p.52), trata-se do processo onde os jovens efetivam sua aprendizagem, através de situações vividas, encontradas e observadas em seu meio. Essa modalidade pedagógica é desenvolvida em escolas, que são denominadas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Os alunos destas, são mais que alunos, são atores sócio-profissionais em formação permanente, que adquiriram, ao longo de sua experiência de vida pessoal (familiar, profissional, social e cultural) vários saberes e conhecimentos, que precisam ser socializados, fazendo da escola um lugar contínuo de ensino e aprendizagem. A proposta pedagógica das EFAs apóia-se numa educação centrada na formação integral do ser humano, na qualificação profissional dos jovens e na organização comunitária, valorizando os laços familiares, a herança cultural e o resgate da cidadania. Busca contribuir para o desenvolvimento rural mediante a produção familiar economicamente viável, de baixo impacto ambiental, e socialmente justo e solidário. A essência da Pedagogia da Alternância centra-se em quatro grandes eixos: gestão desempenhada por uma associação de agricultores; metodologia pedagógica específica; formação integral dos jovens e compromisso com o desenvolvimento rural sustentável. Para cumprir esses eixos, essa pedagogia utiliza instrumentos pedagógicos, tais como: plano de estudo (pesquisa participativa); caderno da realidade (registro da vida do aluno); visitas às famílias (conhecimento da realidade do aluno e estreitamento da relação escola-família); visita de estudos (confronto e comparação de experiências); estágios (indicações para escolha da profissão e desenvolvimento do projeto profissional) e avaliação geral de todo o processo formativo.

As EFAs organizam o seu funcionamento através do regime de alternância. “Este sistema educativo, segundo Gimonet,1998, é herdado da experiência das “Maisons Familiales Rurales” (MFRs), originárias da França”. No país de origem, o conceito alternância é amplamente estudado. O surgimento dessa modalidade pedagógica, deu-se da necessidade de uma educação que atendesse e adaptasse as famílias rurais ao ritmo de vida dos camponeses franceses. A idéia surgiu a partir do padre Abbé Granerau, apoiado pelos agricultores da comunidade a que ele assistia. O padre observou que a população local estava descontente com aquela realidade social: muitos jovens migravam do meio rural com o desejo de uma vida diferente nas cidades, não havia perspectivas para essa população e os próprios pais tinham preconceitos com a vida e a profissão que possuíam. No Brasil, embora haja mais de três décadas de existência das EFAs, o conceito de alternância é pouco presente no dicionário das ciências da educação como também é quase totalmente desconhecido e ausente dos cursos de formação e capacitação de professores, nas faculdades e Universidades brasileiras.

O que acontecia na França desde o início do século XX era, “uma forte substituição do modelo tradicional de produção agrícola, baseado na economia familiar, por um modelo capitalista de produção, baseado na empresa rural”. CALIARI (2002 p.77).

A proposta do padre inicialmente contou com quatro jovens alunos e previa o desenvolvimento de uma educação que resgatasse as condições de vida da população rural, e, conseqüentemente, a identidade daquele povo com o meio rural. A educação passa a ser encarada, como este caminho de

mudanças que possibilitaria o rompimento com o preconceito e a discriminação, com o homem do campo e o seu trabalho.

O sistema de ensino que o padre passou a desenvolver junto com os alunos, os pais e a comunidade, possibilitava ao jovem ser agente de sua própria formação. A partir das experiências e conhecimentos subjetivos dos educandos, familiares e comunidade, ocorreria o aprofundamento das teorias e a sua implantação prática, de maneira ressignificada:

Eles criaram empiricamente uma estrutura de formação que seria da responsabilidade dos pais e das forças locais, nos quais o conhecimento a adquirir se encontraria, sem dúvida, numa escola, mas também, e antes de tudo, na vida cotidiana, na produção agrícola, na comunidade da vila. GIMONET (1999 p. 40).

O que os jovens aprendiam na MFR deveria ter uma aplicação na vida prática. Como esses jovens eram filhos de agricultores, as aulas giravam em torno de temas como: técnicas agrícolas, formação humana, cultural e de vida e valores do campo, havendo alternância de sessões de estudo no meio escolar, de uma semana, e duas semanas no meio familiar. Estabelecendo assim o que convencionou chamar de Pedagogia da Alternância.

Quando abordamos essa pedagogia, sentimos uma presença forte e marcante dos ensinamentos de Paulo Freire, como por exemplo, a discussão sobre práxis. Para Freire, práxis é "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (Paulo Freire, 1987 p. 58). É a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa acerca do que se faz. A reflexão sobre o que fazemos em nosso trabalho diário, com o fim de melhorar tal trabalho. É a união entre a teoria e a prática que, no processo da alternância, permeiam toda a formação de educadores e educandos.

A Pedagogia da Alternância prioriza, portanto, a realidade, a experiência no processo ensino-aprendizagem. Esses dois tempos e espaços diferentes compreendem uma unidade plena de formação, sendo que, no centro de formação a lógica é do estudo, do aprofundamento teórico sobre a prática e no meio sócio-profissional a lógica predominante é a do trabalho, da vivência prática, experiencial. A alternância é um processo contínuo de formação na descontinuidade de atividades. Neste contexto pode-se afirmar, segundo Begnami (2003), que a alternância vai se definindo como um processo formativo contínuo entre dois espaços interagindo educadores e educandos, escola e família, teoria e prática; estudo e trabalho; o pessoal e o coletivo; os saberes experienciais e os saberes científicos; os saberes pedagógicos com os saberes disciplinares. De forma que a experiência, do aluno é tratada com prioridade, se tornando ponto de partida e de chegada, em um contexto onde a relação ensino-aprendizagem se dá no e para o trabalho. Conscientes de que a vida também ensina, que ação e reflexão não se separam, que a teoria não antecede a prática, aliás, ela é apenas um guia. Neste ir e vir alternando a prática com a teoria os conhecimentos empíricos do meio são teorizados na escola e as teorias escolares são testadas na prática.

Com o passar dos anos o sistema de ensino das MFRs se expandiu por toda a França e Europa e hoje se faz presente por diversos países nos cinco continentes, em um total de mais de mil escolas (UNEFAB:2002; p.2). As práticas pedagógicas, os objetivos, o funcionamento administrativo e o relacionamento com a comunidade, foram sendo construídos desde o início das MFRs até a expansão pelo mundo desse modelo. A construção foi dando-

se com as trocas de experiências, a adição de novas idéias e a constante busca de redefinição dos objetos.

A primeira experiência no Brasil deste tipo de escola data de 1969, na cidade de Anchieta, Estado do Espírito Santo (Escola Família de Olivânia). Com o passar do tempo, tal como aconteceu em outros países, as EFAs se expandiram por diversas partes do País e se enraizaram como um modelo de educação adaptada às condições do homem rural.

O período em que as EFAs surgiram no Brasil, foi em meio a um regime político fechado e antidemocrático que sufocava a participação popular em atividades que fossem consideradas uma afronta ao governo. E, como a EFA se apóia na economia familiar, sua proposta estava fora dos planos de governo da época. O Brasil enfrentava um intenso processo de industrialização (MOREIRA e BEGNANI:1996; p. 41) e um estrangulamento ainda maior da atividade rural familiar, pois ocorria uma acentuada urbanização da população do campo, bem como a formação de um atrativo mercado de mão-de-obra barata para as multinacionais, em uma empreitada nacional de desenvolvimento da agricultura empresarial.

As Escolas Famílias Agrícolas, à medida que se expandiram no Brasil, constituíram-se em grupos e associações regionais como forma de discutir e difundir as diferentes experiências que se construía, tal como ocorreu na Europa. O crescimento nos anos 80 do número de EFAs no Brasil foi tão intenso que passa a ser necessária a constituição de uma entidade de representação destas escolas em âmbito nacional. Entidade esta que tivesse o intuito de representar de forma institucional, política, de apoiar um debate em torno das questões pedagógicas. Para isso, criou-se uma comissão composta

por membros das instituições regionais das EFAs, chamada Equipe Pedagógica Nacional. Em 1982 surge a União Nacional das Escolas Agrícolas - UNEFAB (CALIARI: 2002 ; P. 88).

Em 1986 um movimento idêntico ao das EFAs, mas com denominação Casa Familiar Rural – CFR, surge no Paraná e se expande pelo sul do Brasil. Da mesma forma, a sua expansão cria a necessidade de se congregarem as escolas em torno de uma instituição de representação. Esta instituição associativa das escolas do Sul recebe o nome de ARCAFAR, (UNEFAB: 2002; p. 2). Esse sistema também por sua vez se expande no Brasil e encontramos ARCAFAR NORTE e ARCAFAR SUL.

Os pilares nos quais se baseiam as novas EFAs que se desenvolveram pelo mundo são:

- **Uma Associação responsável por diversos aspectos: econômicos, jurídicos e gestão:**

São Associações, onde as famílias, as comunidades, as instituições locais, os profissionais do setor e as pessoas comprometidas com o projeto, são os responsáveis pela gestão e o desenvolvimento deste. Não consistem em associações de pais de alunos, nem de cooperativas escolares, que promovem projetos educativos específicos. Há preocupação e empenho constantes com o desenvolvimento local.

- **Uma metodologia pedagógica específica:**

Essa modalidade pedagógica não consiste numa sucessão de tempos chamados teóricos e outros chamados práticos, mesmo se estes se encontram no plano didático. Consiste num processo, podendo ser chamado de interação entre os momentos de atividades. Nela há uma estreita conexão entre todos os

elementos do âmbito educativo, sejam pessoais, relacionais, didáticos ou institucionais. Favorecendo a construção do “projeto pessoal” e coloca o formando como autor do seu meio. Seria a “verdadeira alternância” ou “alternância real” de acordo com G. Malglaive:

A alternância real: é aquela que almeja uma formação teórica e prática global, permitindo que o formando construa o seu próprio projeto pedagógico, coloque-o em prática e efetue uma análise reflexiva sobre si mesmo. Há uma implicação muito maior, tanto de âmbito pessoal como com relação às demais instituições implicadas. G. Malglaive. (1979, p. 51-62.):

Com essa prática educativa, o aluno aplica em casa, saberes a partir do aprendizado que ele constrói no espaço escolar. Aí encontramos uma verdadeira colaboração, co-gestão, coabitação, co-ação, onde o meio profissional intervém na escola e esta intervém no meio. A formação do aluno pela alternância, não se limita a um ou dois atores, mas se estende a toda complexidade do mundo que envolve a vida do formando, onde nenhum dos elementos que intervêm é passivo. Todos são parceiros, co-autores, co-responsáveis e comprometidos.

- **A educação e formação integral da pessoa:**

Tendo em conta “a totalidade, a integralidade” do indivíduo e tudo aquilo que pode enriquecer a sua formação, considerando todos os ângulos: formação escolar, formação profissional, formação social, educação, cidadania, projeto de vida, economia, família, meio, etc. De acordo com Gastón Pineau, será considerada a “eco formação” através da “heteroformação”, das demais pessoas e da “autoformação”, o que cada um aprende com sua experiência de vida. Segundo CALVO:

É o que Edgar Morin chama de processo da complexidade, onde não existe um único elemento que intervêm na formação, mas é a relação e a interação desses elementos que chega a produzir um novo efeito em cada pessoa, onde dificilmente se pode medir a importância que têm cada um deles. Essa formação que leva em conta a totalidade dos elementos formativos, influi e colabora também na formação de todos os aspectos da pessoa humana. CALVO (1999 p. 23).

Uma atenção particular é dada ao projeto profissional do aluno. Através dessa formação integral, há a possibilidade de desenvolver seu próprio projeto de vida, se possível em seu próprio meio. Essa atenção personalizada, na tutoria, no diálogo para a revisão do caderno da realidade, as visitas às famílias e comunidades, a participação em sala de aula, são instrumentos fortes da vida de uma EFA, pois é assim que ocorre a diferenciação entre estes centros de formação e os tradicionais.

Para que essa diferenciação seja possível, torna-se necessário que alunos e professores tenham uma consciência reflexiva de si e do mundo, uma nova ética da solidariedade, que implica em mudanças de atitudes e perspectivas diante da vida e do meio que os cercam. Cabe aqui ressaltar o que Edgar Morin sugere, na tentativa de enfrentar pensamentos e projetos que isolam e aprisionam, para um pensamento que liberta: o pensamento complexo:

O problema da complexidade joga-se em várias fontes, vários terrenos. O pensamento complexo deve preencher várias condições para ser complexo: deve ligar o objeto ao sujeito e ao seu ambiente; deve considerar o objeto, não como objeto, mas como sistema-organização levantando os problemas complexos da organização. Deve respeitar a multidimensionalidade dos seres e das coisas. Deve trabalhar-dialogar com a incerteza, com o irracionalizável. Não deve desintegrar o mundo dos fenômenos, mas tentar dar conta dele mutilando-o o menos possível. (Edgar Morin – Ciência com Consciência – p. 244).

A Pedagogia da alternância não é uma facilidade pedagógica, como nos afirma Gimonet, ela permite a possibilidade de deixar de lado uma pedagogia plana para uma pedagogia no espaço e no tempo. Com esta modalidade pedagógica, não nos encontramos mais somente na clássica triangulação professor-aluno-saber no seio de uma classe. A vivência do aluno, além de impactar sua aprendizagem, ressignifica as atividades produtivas que o mesmo realiza. Pois, “só a dinâmica da pedagogia ativa não basta e precisa entrar na pedagogia experiencial, na pedagogia da complexidade” (Gimonet, 1998)”, essa complexidade que liga sujeito ao ambiente em que ele vive, respeitando portanto a sua diversidade.

- **O desenvolvimento do meio local:**

Na visão de CALVO (1999; p. 16), o desenvolvimento deve estar associado à formação e à atuação dos jovens no meio familiar. Para isso o processo formativo destes deve estar relacionado com uma necessidade de se valorizar a atividade rural familiar, o seu desenvolvimento econômico, a adoção de medidas de baixo impacto ambiental e a sustentabilidade financeira e ecológica do modelo de produção agrícola familiar. O Projeto Pedagógico de uma EFA visa, além da formação integral do indivíduo, um comprometimento com o desenvolvimento sustentável. Não há desenvolvimento local sem que haja desenvolvimento das pessoas, e destas com o meio em que vivem. Nessa perspectiva a Pedagogia da Alternância busca a interação entre a formação e o desenvolvimento local sustentável.

Segundo Leff;

A diversidade cultural se desdobra como uma matriz de racionalidades diferenciadas, que ressignificam os princípios da racionalidade ambiental arraigando-os no mundo da vida de cada pessoa e cada comunidade. (Enrique Leff - Saber Ambiental - p.246).

O desenvolvimento local sustentável permite às pessoas e a sociedade produzirem e apropriarem-se dos saberes, das técnicas e dos conhecimentos. Com isso, ocorre a participação na gestão dos processos de produção e definição da qualidade de vida, desde que se leve em consideração a diversidade cultural e territorial.

O processo formativo na Pedagogia da Alternância

Para a alternância a vida também ensina, o espaço sócio-profissional também é formativo, didático e integra o período letivo da escola. Para que haja uma integração formativa nos diferentes espaços escola-família é necessária uma didática específica, com instrumentos metodológicos que ajudam a articular o tempo escola e o tempo sócio-profissional.

Ao longo de sua história as EFAs vêm criando instrumentos tais como: o Plano de Formação, o Plano de Estudo com temas geradores escolhidos a partir de um diagnóstico da realidade local, o Caderno da realidade, Visitas de estudo, Visita de Acompanhamento Familiar e o Projeto Pessoal Profissional.

Plano de Formação

O Plano de Formação, consiste em um grande painel onde estão dispostos todos os processos formativos pelo qual passará o jovem ao longo de um ano. Constam nele temas geradores que nascem de uma interação dos pais com os educadores, a colaboração e interferência de todas as disciplinas para o desenvolvimento pedagógico e formativo deste tema. Ao organizar o Plano de Formação, percebe-se que todas as atividades formativas e disciplinares convergem para um tema, logo se pode alcançar uma interdisciplinaridade na formação. Segundo MOREIRA e BEGNAMI (1996; p. 35) o Plano de Formação deve representar a articulação entre seis elementos básicos da EFA e da Pedagogia da Alternância: o conteúdo, o aluno, o professor, a organização, a participação familiar e a avaliação.

- **Plano de Estudo**

O Plano de Estudo com temas geradores é uma ferramenta pedagógica que serve de elo entre o conhecimento familiar e as atividades disciplinares que são desenvolvidas na escola. Ele funciona como uma dinâmica de debate sobre um tema proposto e a enumeração de dúvidas e questões para o jovem levar para o meio sócio-familiar . Uma vez retornando ao meio familiar, as questões são debatidas com os pais, familiares e com alguns membros da comunidade.

O tema gerador, como nos ensina Paulo Freire, deve ser amplo para que possa ser desdobrado, garantindo a busca da compreensão da realidade, e, com isso ter condições de transformá-la. É um tema - problema que diz respeito à comunidade envolvida, capaz de gerar discussões e busca de alternativas à cerca dos interesses em questão, ele passa por relações intergrupais e interpessoais.

Caso o Plano de Estudo de um determinado tema traga um enfoque mais específico ou complementar dentro de uma determinada disciplina ou se a equipe de professores achar que ele pode apresentar uma forma mais específica, elabora-se uma Folha de Observação. Que pode ser feita da mesma forma que o Plano de Estudo ou as questões serem postas pelos professores.

Na verdade pode-se entender a pesquisa do Plano de Estudo como um elemento facilitador do diálogo entre pais e filhos. A continuidade de diálogo do jovem com sua família e com a comunidade se dá com o retorno do Plano de Estudo. Ou seja, após se apresentar o resultado de sua pesquisa, debater e produzir uma síntese, após ter complementado a pesquisa com as Folhas de Observação, aprofundar científica e teoricamente com os professores,

experimentar com estágios, atividades práticas, intervenções com palestras, o aluno retorna para o seu meio com o propósito de disseminar estas informações novas, ou seja, contribuir com novos conhecimentos para a comunidade.

- **Caderno da Realidade**

O Caderno da Realidade funciona como um sistema de porta folhas, onde os alunos vão registrando a sua história escolar. Em uma pasta de arquivo eles vão acumulando os seus Planos de Estudo e todos os outros trabalhos que desenvolvem com o intuito de diagnosticar, abordar, descrever, indagar, e compreender as suas realidades familiares, históricas, social e profissional.

- **Visita de Acompanhamento Familiar**

A EFA e a Pedagogia da Alternância requerem um elo afetivo forte entre alunos e o corpo docente da escola, fazendo com que o processo de ensino se dê realmente em um contexto familiar. Torna-se necessário que a escola e a família tenham um relacionamento próximo. É necessário que as famílias sintam-se co-responsáveis pela escola, daí a importância de uma associação de pais que atue desde o gerenciamento administrativo, financeiro e participe ativamente das decisões pedagógicas. O educando e sua família recebem pelo menos duas vezes por ano a visita de uma equipe da escola.

As visitas são de cunho pedagógico e técnico. Onde pais e professores irão avaliar o desempenho do aluno, seu crescimento e a participação da sua família no seu processo escolar. Dentro da proposta técnica da visita está à contribuição da escola para a solução de prováveis problemas encontrados nas

atividades rurais da família e que podem ser apresentadas ao técnico da escola.

- **Projeto Pessoal Profissional**

Outro elemento pedagógico de formação das EFAs e da Pedagogia da Alternância, é o Projeto Pessoal Profissional. Ele funciona como culminância de toda a formação do jovem rural. Após ter cursado o Ensino Fundamental e o Ensino Médio que na EFA é concomitante com o curso de Educação Profissional, com ênfase nas profissões do meio rural, o aluno recebe várias instruções e orientações que o levará à construção do seu trabalho final (o Projeto Profissional), tido como um projeto de vida para o jovem formando.

Durante as duas séries iniciais do Ensino Médio, a escola promove e orienta o jovem a vivenciar diferentes experiências nas variadas áreas profissionais presentes em seu meio ou adaptáveis a ele. Estas experiências são construídas a partir de cursos, palestras, visitas de estudo, planos de estudo e estudos de aprofundamento próprios do aluno.

Na terceira e última série do Ensino Médio, o jovem recebe instruções técnicas para implantar o seu projeto e elaborar a parte escrita. Ainda no terceiro ano o jovem tem que adquirir experiências mais aprofundadas sobre o assunto que escolheu para o seu projeto.

O objetivo geral do Projeto Profissional dentro da EFA é o de encaminhar o jovem para a profissionalização do trabalho rural, a melhoria da renda e qualidade de vida da família, servir como facilitador para o encaminhamento do jovem para o mercado de trabalho e como um elemento de desenvolvimento econômico e social do meio rural. Diante desta importância, o Projeto Profissional é o elemento final de avaliação do jovem e a

sua formação técnica. Sendo assim, a implantação, apresentação escrita e oral do Projeto, deve relacionar a sua potencialidade e importância para a região, os resultados diversos obtidos ou previstos, os impactos ambientais e outras questões pertinentes ao aluno.

Segundo Gilbert Forgeard, Diretor da União das "Maisons Familiales Rurales d'Education et d'Orientation" – UNMFREO – França:

o meio no qual se situa qualquer EFA resulta da interação de diferentes atores. Essa interação se caracteriza, dentro de uma perspectiva global, em um movimento que abrange todas as atividades e todas as dimensões humanas, econômicas, sociais, culturais e ambientais. As relações que existem, de um lado, entre indivíduos, e de outro, entre os indivíduos e o meio ambiente, passam ao mesmo tempo pela técnica, pela cultura, pelas relações humanas. A EFA é uma ampla rede de relações, que vai dos pais aos mestres de estágio, passando pelos monitores, alunos, responsáveis associativos. Todas essas pessoas são portadoras de projetos para sua própria região. Logo, espera-se uma prática sustentável, em se tratando dos recursos naturais. (Forgeard,1999)

O porquê da Educação Ambiental neste contexto:

Com a criação do Programa Nacional de Educação Ambiental, em abril de 1999 (Lei Federal n.º 9795/99), o governo brasileiro definiu a Educação Ambiental como prioridade em sua gestão. A grande demanda de projetos da sociedade, solicitando recursos para ações artísticas-culturais-ambientais comprovou a necessidade da tomada da postura política na formação do cidadão brasileiro.

Os movimentos e ações da sociedade em busca da conservação da natureza são, desde os seus primórdios, reações à destruição de espécies, ecossistemas e biodiversidade. O modelo de desenvolvimento gerado a partir da revolução industrial, fins do séc. XVIII, provoca aumento qualitativo e quantitativo no processo de destruição da natureza. A idéia de educação ambiental é concebida, no interior do movimento ambientalista, como um indutor para envolver os cidadãos em ações ambientalmente corretas (DIAS, 2000).

Para efetivarmos esse estudo, tornou-se necessário um conceito de Educação Ambiental como eixo norteador. Adotamos como parâmetro o mencionado pelos professores Arlindo Philippi Junior e Maria Cecília Focesi Peliconi onde nos diz que :

A Educação Ambiental é um processo de educação política que possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades, bem como a formação de atitudes que se transformam necessariamente em práticas de cidadania que garantem uma sociedade sustentável. (PHILIPPI Jr, Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi, 2000 p.03).

Através da Educação Ambiental, há uma maior projeção no que diz respeito à qualidade de vida e ao equilíbrio dos ecossistemas, para nós e os demais seres vivos. Dada à complexidade das questões e problemas sócio-ambientais, a Educação Ambiental torna-se um grande desafio e exige reflexões e ações em questões relativas às desigualdades sociais, sobre as práticas e interações de consumo, e, principalmente as inter relações dos seres vivos como um todo.

Na questão ambiental, torna-se portanto, necessário distinguirmos alguns termos, dentre eles o termo *habitat*. Esse termo pode parecer, em tempos recentes, simples e claro para a maioria das pessoas. Como é caracterizado no dicionário da língua portuguesa; trata-se de um lugar de vida de um organismo com todas as características ecológicas do lugar específico, habitado por um organismo ou população. Trata-se, também, de uma expressão que nos conduz ao senso comum, como algo natural, aquilo que identificamos como parte da realidade, assim como o meio ambiente. Só que, muitas vezes, nem nos percebemos na nossa relação com esse lugar. Ele está lá, naturalmente nos provendo dos recursos necessários para a nossa sobrevivência. Essa contínua “utilização” de recursos gera um conflito dinâmico e constante, o que é evidenciado no descompasso entre a ampliação dos debates, mudanças no comportamento e tentativas de se resolver os principais problemas que caracterizam a chamada crise ambiental.

Essa crise ambiental veio mobilizar o pensamento teórico, com a finalidade de compreender os problemas criados por processos que alimentam a destruição das bases ecológicas de sustentabilidade. O prefixo *eco* como diz Leff;

inseriu-se nas teorias e práticas do mundo atual como uma nova visão sobre a complexa trama ecológica que mantém a vida no planeta e dá suporte aos processos econômicos, sociais e culturais, questionando a visão unidimensional do progresso e dos paradigmas mecanicistas da natureza e da sociedade. Leff (2001, p.282),

As relações dos seres humanos com o meio, ao longo da história, estão impregnadas de uma visão de superioridade e domínio, que alcança sua máxima expressão com o auge da ciência e da tecnologia, expoente da potencialidade do *logos* e do desenvolvimento de instrumentos de transformação de um meio ambiente, considerado como algo alheio à sua própria identidade. O *habitat* acaba sendo considerado, segundo Leff;

como território que fixa ou assenta uma comunidade de seres vivos e uma população humana, impondo suas determinações físicas e ecológicas ao ato de habitar. Neste contexto, uma visão ambiental das formas de ocupação do território destaca os processos organizadores do habitat através do organismo que o habita, da cultura que o significa, da práxis que o transforma.(...) Cada cultura vai configurando um estilo étnico de apropriação de seu ambiente. A cultura simboliza seu ambiente em mitos e rituais, reconhece seus recursos naturais, imprime significados às suas práticas de uso e transformação. Leff (2001, p.282 - 283).

Assim, o *habitat* se define ao ser habitado e esse habitar cria hábitos e define sentidos existenciais que conduziram à coevolução das culturas com o seu meio. Porém, a sustentabilidade desse *habitat* implica num reordenamento ecológico do território, a harmonização e reorientação das tendências atuais, cuidando para que haja uma racionalidade ambiental, capaz de garantir a habitabilidade do *habitat*, tornando-o compatível às condições e potenciais ecológicos do nosso planeta.

Desde os primórdios, o ser humano é indissociável de seu meio, que compartilha com os demais seres vivos, aos quais estão incondicionalmente ligados, unidos por interesses comuns. Contudo, quando se fala em defender interesses, necessidades de conservação da vida e das gerações futuras, estamos de algum modo transcendendo o princípio da reciprocidade. Continuamos nos referindo às gerações futuras da espécie humana. A biodiversidade como recurso acaba sendo posta de maneira excessivamente utilitarista, em relação à existência de qualquer forma de vida, o que pode evoluir em direção às situações de dominação.

Para Pardo Díaz ;

os valores se forjam a partir de atitudes relacionadas entre si, como convicções duradouras em relação a determinadas condutas, como é o respeito ao meio ambiente (...) quando incorporamos um novo valor a nosso sistema, experimentamos um processo de interiorização. Pardo Díaz (2002, p.33).

Se levarmos em conta que existe, nas pessoas, diferente hierarquia de satisfação de necessidades para chegar a uma verdadeira estima e realização pessoais, níveis a partir dos quais os valores têm sentido como tais, vislumbra-se com uma grande demanda de “bens de consumo”, variando de acordo com o “estilo de cada um”.

A utilização desses recursos “disponíveis”, pertinentes à condição econômica e social, esbarra de certa forma nas comandas do estilo de vida, as preferências, o consumo, os padrões de cada um, que recebe e transmite aos seus descendentes. Isso nos remete ao conceito de *habitus* em Bourdieu:

... só permite compreender ou prever a posição de tal indivíduo ou grupo no espaço dos estilos de vida. (...) O aparecimento de novos consumos, portanto mais distintivos, vão a partir da objetividade interiorizada sendo construídos como estilização

da vida, percorrendo toda trajetória social das classes privilegiadas. O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos. Esse conjunto de padrões adquiridos de pensamento, comportamento, gosto, etc., considerados como elo entre as estruturas sociais abstratas e a prática da ação concreta é designado como habitus. Bourdieu (1983).

O conceito de *habitus* surge não unicamente em Bourdieu, ele tem uma longa história nas ciências humanas. Como nos traz Setton em seu artigo:

Palavra latina utilizada pela tradição escolástica, traduz a noção grega hexis utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem. (...) Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do cotidiano. (Setton, 2002).

Cotidiano esse onde há uma mediação entre indivíduo e sociedade “(...) familiaridade com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa, e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade”. (Bourdieu, 1983).

A relação de interdependência entre o conceito de *habitus* e campo, citada por Setton, de certa forma abrange uma discussão que, nessa temática entre *habitat* e *habitus*, vale a pena ressaltar. O conceito de campo, na obra de Bourdieu, seria um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder, onde cada campo seria regido por suas próprias regras. Pressupõe-se uma relação dialética entre

sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre *habitus* individual e a estrutura de um campo socialmente determinado. Se vertermos para o campo como campo ambiental, mais precisamente o espaço em que se vive e como se ocupa esse espaço, as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais teriam, na realidade, uma dada conjuntura, com suas regras próprias.

Entre *habitat* e *habitus* , segundo Bourdieu:

*...a relação com o mundo social não é a relação de causalidade mecânica que freqüentemente se estabelece entre o meio e a consciência, mas sim uma espécie de cumplicidade ontológica: quando a história que frequenta o *habitus* e o *habitat* , as atitudes e a posição, o rei e sua corte, o patrão e a sua empresa, o bispo e a sua diocese, é a mesma, então é a história que comunica de certo modo com ela própria. ... é uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história. (Bourdieu, 1998, p.83).*

Esse sentimento de pertença em relação ao *habitat*, leva muitas vezes, à utilização dos recursos naturais de forma extrativista, onde as atitudes de posse e necessidades criadas pelo consumo desenfreado torna essa “cumplicidade ontológica” nem sempre sustentável. É a instauração do senso prático, a apropriação do herdeiro à sua herança.

O *habitus*, como uma “subjetividade socializada” (Bourdieu), não é um destino imutável e estático, em que suas percepções práticas não possam ser transformadas. Setton confirma essa posição:

*Habitus não pode ser interpretado apenas como sinônimo de memória sedimentada e imutável; é também um sistema de disposições construído continuamente, aberto e constantemente sujeito a novas experiências. Em essência, o conceito de *habitus* busca romper com interpretações deterministas e unidimensionais das práticas. (Setton, 2002).*

O *habitus* acaba sendo constituído em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ou a cultura de massa.

Na lida com o habitat, portando seus respectivos *habitus*, os indivíduos, utilizam dos recursos naturais de maneira acentuada, em ordem crescente aos “estilos de vida” que se construíram ao longo das disposições herdadas. Em se tratando da crise ambiental, incluindo os segmentos dominantes que sempre se beneficiaram dessas relações de dominação, agora também sofrem as conseqüências maléficas dessas relações.

Na crise entre as relações da sociedade com a natureza, surgiu a Educação Ambiental que vem questionando a atuação dos indivíduos com o seu meio. Talvez como resposta da necessidade de se mudar de *habitus*, em nome da própria condição planetária, até mesmo que seja a longo prazo. Segundo Pardo Diaz:

A finalidade da Educação Ambiental é, de fato, levar à descoberta de uma certa ética, fortalecida por um sistema de valores, atitudes, comportamentos, destacando entre os primeiros, questões como a tolerância, a solidariedade ou a responsabilidade. A Educação Ambiental também deveria permitir o progresso na busca dos valores mais adequados a um verdadeiro desenvolvimento (desenvolvimento sustentável). Pardo Díaz. (2002: p. 37-38).

Partindo do pressuposto de que o ser humano é natureza e não simplesmente parte dela, assimilando uma visão holística, o domínio do ser humano em relação à natureza perde totalmente o sentido. Não há, portanto, separação de uma coisa sobre a outra (ser humano e ambiente). Infelizmente, não é o que podemos verificar na realidade. Percebemos uma relação dominadora que, ao não se perceber como parte integrante do meio, o

indivíduo constrói relações bastante desequilibradas com este. Nesse momento há um grande espaço para se desenvolver a Educação Ambiental onde, a partir de um trabalho de compreensão, sensibilização, e crítica à lógica dos valores das sociedades modernas, pode-se integrar o ser humano com a natureza, tornando ecologicamente equilibrada e a sua intervenção com o ambiente. Essa construção de novos *habitus* na lida com o seu *habitat*, poderá ressignificar a relação do indivíduo com o mundo da vida, tornando-a sustentável.

À medida que adquirimos o conhecimento e a percepção de que há de fato uma interdependência entre humanos nesse planeta, não podemos esquecer que essa questão se faz presente não só entre nós, humanos. Somos, na verdade, interdependentes de todos os elementos vivos e não-vivos que compõem a natureza.

Em função disso, há um incentivo à inserção do tema Meio Ambiente em projetos educativos nas escolas, assim como estimular ações que propiciem a melhoria da formação de professores e uma aprendizagem diversificada dos alunos, de modo que possam ter instrumentos para se posicionar frente às questões ambientais e no âmbito educacional brasileiro e global (ALVARENGA, 2000).

Na dinâmica da questão ambiental a escola pesquisada, uma escola técnica agrícola, é fundamental o desenvolvimento de atividades pedagógicas, tendo a Educação Ambiental como prioridade. Não se pode perder de vista que os cidadãos que sairão de lá, após o término do curso, é que estarão envolvidos (ou não) direta ou indiretamente com a conservação dos recursos naturais de suas regiões. Estes alunos serão, na maioria das vezes, futuros

produtores rurais ou técnicos prestando serviços nessa área, em maior ou em menor escala.

3- Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa, parte do pressuposto que teoria e prática são indissociáveis, devendo haver em torno dos campos teóricos sugeridos como referência para o estudo, a interação com o fazer cotidiano na educação. É como diz Minayo (1999 p.10): “o privilégio presente em toda atividade teórica supõe um corte epistemológico e um corte social e ambos governam sutilmente essa realidade”. Para verificar se ocorre Educação Ambiental na modalidade educacional da Pedagogia da Alternância, na EFA Rei Alberto I, realizamos uma investigação qualitativa, utilizando como abordagem metodológica o estudo de caso, procurando uma pesquisa de profundidade, para interpretação dos fenômenos verificados, em relação aos processos educacionais encaminhados nesse estabelecimento de ensino, mais especificamente no Curso Técnico Agrícola.

A pesquisa é qualitativa, porque:

A rigor qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação. Minayo (1999 p.22).

E, como afirmam HARTZ (1997), YIN (1994), citados em JORGE (2002):

(...) os estudos de caso são indicados quando se deseja examinar o conjunto das relações existentes entre diferentes variáveis necessárias à compreensão de um fenômeno complexo, em situações em que o investigador tem pouco controle sobre os acontecimentos ou quando se trabalha com uma problemática contemporânea inserida no contexto social. (Jorge, 2002).

Ludke e André (1986) trazem contribuições que muito reforçam a aplicação do estudo de caso em contextos como esses aqui apresentados:

(...) o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo (p.17)... Quando queremos estudar algo mais singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso (p.17)(...) os estudos de caso visam à descoberta (p.18)(...)os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda (p.19) (...) os estudos de caso usam uma variedade de fontes de informação (p.20)(...)é a compreensão de uma instância singular. Isso significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada (p.21). Ludke e André (1986)

Ao se talhar esse corte epistemológico, ou ressignificar uma unidade dentro de um sistema mais amplo, acreditamos que se pode ter uma visão mais aguçada em relação à lida com os recursos ambientais e à utilização desses pela comunidade em questão. Volta aí a questão do sentimento de pertença que se tem da natureza, onde as atitudes de posse e necessidades criadas pelo consumo desenfreado comprometem a sustentabilidade. O estudo de caso na EFA Rei Alberto I permite um estudo completo e aprofundado de como se trata a Educação Ambiental nesse contexto, levando em consideração a formação dos atores em questão, não apenas como conhecedores dos problemas ambientais e sim como sujeitos participativos na lida com os recursos naturais e na manutenção da vida propriamente dita.

As autoras Ludke e André (1986) afirmam, também, que o estudo de caso possibilita o uso de uma variedade de fontes de informação, o que permitirá o uso de análise documental, questionário e entrevistas, visto que os atores dessa pesquisa serão os alunos, professores e membros da comunidade escolar/rural, selecionados e envolvidos diretamente no curso técnico agrícola em questão.

A análise documental é uma das técnicas utilizadas para se obter informações a respeito da abordagem que a Educação Ambiental apresenta nessa modalidade de ensino.

Ludke e André (1986) discorrem sobre os motivos de se privilegiar a análise documental como uma das técnicas de coleta de dados:

Os documentos constituem uma fonte estável e rica. (...) podem ser consultados varias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos. (...) podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações. (...) surgem em um determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (...) podem complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta (p.39). Ludke e André (1986)

Entre os documentos analisados salienta-se o Projeto Político Pedagógico da Escola com ênfase na modalidade da Pedagogia da Alternância. A busca por evidências do Projeto Político Pedagógico da escola é importante, visto que esse documento embasa as ações a serem desenvolvidas no cotidiano escolar. Verificamos se está prevista a abordagem da Educação Ambiental e como ela é feita.

O questionário foi outra fonte de informação utilizada com os alunos do último ano do curso técnico agrícola. A escolha de questionário padronizado para trabalhar com os alunos se deu em vista do número de atores envolvidos, o que não permite conversa individual. Outro motivo da escolha dessa fonte é que o questionário padronizado facilita a análise, além de ser menos dispendioso. Leville e Dionne (1999) escreveram sobre as vantagens da utilização de questionário padronizado:

Dentre as vantagens desse tipo de questionário padronizado – diz-se também uniformizado- pode-se lembrar que se mostra econômico no uso e permite alcançar rápida e simultaneamente um grande número de pessoas ... A uniformização assegura, de outro lado, que cada pessoa veja as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas da mesma opção de respostas, o que facilita a compilação e a comparação das respostas escolhidas... Ao mesmo tempo, uma escolha de respostas preestabelecidas evita que o pesquisador deva interpretar as respostas dos interrogados: estes colocam a si mesmos nas categorias, apontando sua escolha. Leville e Dionne (1999) (p.183/184).

Foram feitas entrevistas com dois professores do núcleo comum e dois professores da educação profissionalizante; com o diretor e três ex-alunos do curso técnico agrícola em questão. Para isso realizamos entrevista semi-estruturada, cujo conceito, de acordo com Minayo (1999), “é a entrevista que combina perguntas fechadas ou estruturadas e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador”.

Nas entrevistas, as informações fluíram de maneira notável e autêntica como nos havia antecipado Ludke e André (1986, p.34). Dar voz aos atores facilitou o fluir das informações e foi possível a explicação dos fatos, a captação da visão da Educação Ambiental que cada um possui, o que não seria possível com a utilização de outras técnicas menos flexíveis.

Para tratamento e interpretação, os dados foram ordenados e classificados paralelamente à revisão de literatura. Os dados obtidos através da análise documental, das entrevistas e dos questionários foram estudados à luz dos referenciais teóricos utilizados, buscando responder às questões de estudo, tendo como referência os objetivos estabelecidos.

4- Locus da Pesquisa - EFA Rei Alberto I

A EFA Rei Alberto I, com base em Frossard (2003), está situada em uma área de 250 mil m², na localidade de Baixada de Salinas, no Distrito de Campo do Coelho, município de Nova Friburgo, localizada em meio às comunidades que, em conjunto, se destacam no estado na produção de hortigranjeiros (horticultura). A EFA Rei Alberto I foi inaugurada no mês de março de 1994, sendo a primeira experiência deste gênero no Estado do Rio de Janeiro. Inicialmente, essa EFA tinha duas turmas de Ensino Fundamental e cerca de 44 alunos. Sua criação não se estabeleceu com a consolidação de uma associação de pais, como na maioria das EFAS do Brasil. Tudo começou em 1986, com a visita do Cônsul da Bélgica à região de Campo do Coelho. Ao ser informado da grande produção agrícola da região, o Cônsul Victor Bernard questionou a não existência de uma escola adaptada à realidade rural para a formação dos filhos dos produtores, deixando, assim, a sugestão para a criação das EFAS.

Motivados pelo então prefeito Heródoto Bento de Mello, um grupo se formou para a criação de uma ONG, o IBELGA – Instituto Bélgica – Nova Friburgo, para captação de recursos externos e investimentos na criação de uma EFA.

Através do convênio com a prefeitura do município, foi possível conseguir o terreno onde hoje está construído o prédio da EFA Rei Alberto I. Em 1993, uma equipe de professores buscava, no Espírito Santo, onde o itinerário da Pedagogia da Alternância começou no Brasil, orientação e formação para iniciar os trabalhos escolares. Nesse mesmo prédio, a equipe já

atuava, fazendo todo um trabalho de base, explicando à população o que era uma EFA, o seu funcionamento e as vantagens em se desenvolver esse projeto.

O início das aulas, em março de 1994, marcou a formalização de convênios do IBELGA com as Secretarias Municipal e Estadual de Educação, que oferecem recursos humanos (professores e funcionários de apoio) e fornecem merenda escolar.

Em 1998, teve início a primeira turma do curso de Ensino Médio, concomitante com a Educacional Profissional – Curso Técnico de Agropecuária. Dessa turma formaram-se, no ano 2000 onze técnicos em agropecuária. Em 2001 formaram oito técnicos, vinte e quatro em 2002, em 2003 dezoito técnicos, em 2004 vinte técnicos, 2005 vinte e três técnicos e 2006 oito estão em processo de formação.

Em função de questões burocráticas, a EFA Rei Alberto I está dividida em duas instituições de Ensino: a Fazenda Escola Rei Alberto I, conveniada com a Secretaria Municipal de Nova Friburgo, com duzentos e quarenta alunos do Ensino Fundamental e o Colégio Estadual Rei Alberto I, com sessenta e seis alunos em turmas de Ensino Médio. Esta divisão se estabeleceu em virtude da necessidade de se atender às questões burocráticas dos órgãos públicos, que são parceiros convidados da EFA.

Mas, na prática, a EFA é uma só instituição. Os dois diretores, um de cada segmento, trabalham em conjunto. Cozinha, biblioteca, sala de informática, espaço externo, tudo é compartilhado entre os alunos e os funcionários da escola.

Atua em conjunto, no espaço escolar, a Associação de Pais, o IBELGA e a direção da EFA. A EFA possui, ainda, um grêmio estudantil, mas que não tem conseguido ainda exercer sua função de representação dos alunos.

O espaço externo da escola é administrado por uma equipe do IBELGA, que desenvolve projeto de caprinocultura, suinocultura, um lago onde posteriormente pode ser desenvolvida a piscicultura, e administra o cultivo de produtos hortigranjeiros. Em conjunto com os alunos, há uma horta orgânica experimental onde, além de praticarem o cultivo orgânico, garantem um complemento na alimentação escolar.

Atualmente existe na escola a implantação de um viveiro de mudas com espécies vegetais características da Mata Atlântica (ecossistema local), onde alunos e pesquisadores belgas desenvolvem, classificam essas espécies com intuito de organizar projetos de reflorestamento na região com plantas nativas.

A EFA Rei Alberto I, apesar de fazer parte da União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas – UNEFAB, em virtude de apresentar um público que possui certas peculiaridades, teve que fazer pequenas mudanças em seu funcionamento pedagógico.

A primeira e mais marcante diferença em relação às outras EFAS é a não existência de internato. A grande maioria dos alunos reside em uma distância máxima de 20km da EFA e o sistema de transporte coletivo transporta os alunos gratuitamente. Por essa razão, o sistema de funcionamento da EFA é de semi-internato, ou seja, os alunos permanecem durante o dia no espaço escolar e, no fim da tarde, retornam para as suas casas. Certamente, isso acarreta um gasto menor com a manutenção da escola, já que os pais não necessitam arcar com os custos de merenda e

funcionários que permaneçam à noite na escola. No Ensino Médio, é comum a EFA receber jovens oriundos de outros municípios. Nesse caso, os jovens têm preferência de hospedarem em residências na comunidade.

A equipe de professores é, em sua totalidade, remunerada pelo Governo do Estado e pela Prefeitura do Município e, como esses dois órgãos garantem o fornecimento de merenda escolar, há uma redução dos custos para os pais, em relação aos estudos dos seus filhos. As contribuições, fornecidas pelos pais à associação, são utilizadas no complemento da verba de alimentação e na aquisição de material didático.

Há mais de 30 anos as EFAs atuam no Brasil. Muito se fez e se vivenciou, mas pouco se tem pesquisado e escrito e, apesar de ser uma experiência rica e dinâmica, é pouco conhecida. Com este estudo, pretendemos contribuir para a compreensão da alternância pedagógica no Brasil, mais pontualmente no Estado do Rio de Janeiro, em Nova Friburgo, onde a escola em questão já funciona há aproximadamente 12 anos. Almejamos ainda, averiguar como e se a Educação Ambiental se processa; o que os professores pensam em relação a essa temática; quais as facilidades e dificuldades por eles enfrentadas.

5. Pedagogia da Alternância e Educação Ambiental na EFA Rei Alberto I

Neste capítulo abordaremos os resultados a partir dos dados coletados. O diálogo com a teoria foi feito em um capítulo específico, o capítulo 6, destinado a esse fim.

5.1) Implantação da proposta e desenvolvimento dos projetos

Na Pedagogia da Alternância o desenvolvimento da Educação Ambiental encerra desafios e dificuldades, principalmente no que diz respeito à conscientização dos jovens e das famílias do campo. Não é fácil a tarefa de convencê-los a continuar mantendo os níveis atuais de produção agrícola, ou até mesmo aumentá-los pensando em uma produção mais racional, conectada com as questões ambientais, e com a proteção das áreas degradáveis.

A escola pesquisada está localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, uma área de grande produção agrícola, porém de escassas áreas planas. Existe uma legislação que fala sobre o uso das margens de rios e das encostas. Entretanto a falta de espaço para a produção e para a sobrevivência desses proprietários faz com que repensem em relação ao espaço ocupado por eles. Se seguirem a legislação, deverão deixar uma margem cerca de 30 metros de cada lado do rio, para reflorestamento e mata ciliar. Eles simplesmente perdem, em alguns dos casos, até 70% das áreas agricultáveis. Então, como se pensar nessa questão... Esse é um desafio, encontrar um caminho para essa solução e ao mesmo tempo pensar na conservação ambiental e na sobrevivência das pessoas que dependem da terra, das pessoas que dependem desse espaço para cultivar e para colher. Isso esbarra também na questão desafio / dificuldade.

Para chegar até a comunidade com essas questões, não é difícil. Chega-se com esse assunto até as famílias, através dos planos de estudos, visitas, cursos dentro da escola, e projetos como o “Projeto Rio Limpo”, que vai até as comunidades para recolher o lixo, recolher solo para análise, levando panfletos, falando sobre a conservação ambiental e plantando árvores. Então o desafio é encontrar o equilíbrio entre o desenvolvimento sustentável e uma agricultura mais sadia, voltados para as questões ambientais, com esse contexto geográfico de falta de espaço para a produção.

Outro projeto que existe na escola é o de Viveiro de Mudanças Com Espécies da Mata Atlântica. Ele veio para essa EFA num momento bastante receptivo, através de uma ONG chamada Rede Brasileira Agro Florestal (REBRAF). É um projeto arrojado, principalmente pelo fato dessa EFA ser um curso técnico agrícola. Um técnico da REBRAF trouxe a proposta para a escola e, como existe a parceria com o IBELGA, este Instituto foi convidado para a mesa de conversa e se firmou uma proposta de implantação do viveiro na escola. A REBRAF trouxe a estrutura de estufas e cursos de aperfeiçoamento, tais como o de coleta de sementes nativas, o de preparo das sementes, um curso de plantio e, depois, a parte mesmo técnica de plantar as sementes e mudas nas margens do rio. Esse plantio foi feito da escola até a comunidade de São Lourenço, nas propriedades que autorizaram. Como a questão da deficiência de espaço na região é uma situação delicada, foi pedido pelo menos que o produtor reservasse 5 metros de cada lado dos rios para esse cultivo. A própria escola, para dar o 1º passo, como nos disse o diretor em entrevista, cedeu uma área que está no final da propriedade. Foi o primeiro projeto experimental, com que os alunos se envolveram. Os alunos que

quiseram se somaram à REBRAAF para fazer parte como estagiários. Foram selecionados quatro alunos, como bolsistas, que ajudavam na coordenação dos demais alunos e contratado um ex-aluno para ser coordenador, juntamente com outros técnicos de nível superior, para acompanhar o projeto no seu dia-a-dia. Esse projeto chegou ao fim em maio de 2007 e, no espaço escolar, ficaram as estufas, as mudas e todo o conhecimento. Então, a proposta agora é que dêem continuidade junto aos alunos. Esses quatro alunos bolsistas estão com uma proposta de montar um convênio com a Fundação SOS Mata Atlântica e de fechar a venda de 150 mil mudas e montar uma empresa de produção de mudas nativas.

A EFA Rei Alberto I faz parte de um grupo, na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, chamado Corredor Agrícola, que é formado por nove escolas, que possuem o curso técnico de agropecuária. Esse grupo de Corredor Agrícola, em conjunto, apresentou projetos para a Petrobrás. Existe um projeto de reflorestamento das margens do lago, apresentado pela escola, que vai possibilitar a recuperação da margem e a nascente do lago que deve ser protegida. O projeto pretende implantar, desde o início, árvores nativas misturadas às árvores frutíferas. Nesse tipo de projeto de reflorestamento, plantam-se as árvores frutíferas e nativas e colhem enquanto necessário e depois deixam a mata “caminhar” sozinha.

Em se tratando das associações, cooperativas, a região tem sete diferentes associações, que estão diluídas. Segundo o diretor da escola:

Elas não se juntaram, embora o ideal seja que se juntem essas sete em uma grande associação ou se façam uma Federação dessas associações e discutam os problemas em conjunto. Um exemplo claro disso, é que na localidade de Baixada de Salina tem a associação dos pequenos produtores,

Baixada de Salinas, Campestre, Três Picos e Jaborandi. A comunidade de Três Picos, é uma comunidade que está no entorno do Parque dos Três Picos, eles discutem e querem mais o desenvolvimento na área do turismo. Já as comunidades de Campestre e Baixada de Salinas estão mais envolvidos com a produção agrícola. Houve um racha na associação e criaram uma nova associação do pessoal dos Três Picos e Jaborandi só pra tentar desenvolver a questão do turismo. Então há certa disputa entre eles de qual a comunidade é melhor, de qual que vai sobressair. Eles não perceberam a questão da união. Dentro da escola, isso é um trabalho que está se tentando fazer com os jovens, embora ainda não tenha chegado nas comunidades. Tenta-se fazer com que eles reflitam se associem, formem um grupo único, que mantenha as associações a nível local, mas que façam uma representação geral pra discutir as questões entre eles pois a agricultura, o ecoturismo se somam um ao outro. (Diretor do Ensino Médio)

Em relação à comunidade escolar, existe uma associação de pais que é a Associação Fazenda Escola Rei Alberto I, dirigida pelos pais que, na verdade, têm a função de gerir o espaço escolar. Eles não estão gerindo 100% desse espaço. É um processo que está sendo construído. Essa associação foi criada em 1998 e, de forma tímida, foi assumindo os espaços. O capril, por exemplo, foi questão apontada pelos pais e executada pela escola, juntamente com o IBELGA. Então, os pais já estão nesse ato de decidir. Tem um grupo efetivo coordenado pela diretoria, que toma frente junto à escola, os conselheiros, e um grupo com aproximadamente 30 a 40% dos pais com participação efetiva de pais/sócios. Existe uma margem de 20 a 40% de pais com participação mediana e um contexto de 30% de pais que não participam de todo esse processo. Mas o fato de ter esse número crescente de envolvimento dos pais dentro da escola é um fato positivo. Estima-se que chegue a um grau de amadurecimento em que essa associação esteja dentro da escola inclusive discutindo as questões pedagógicas. Hoje se tenta chegar

às comunidades, mas ainda não chega com um planejamento nascido pelos pais. Isso é um processo a ser construído.

Em 2004, foi feita uma pesquisa de avaliação da escola (vide em anexo nº1), através de uma consulta à comunidade. Isso porque havia necessidade de informar ao Estado qual era a visão da comunidade sobre a escola, sobretudo sobre essa proposta pedagógica: 85% dos pais disseram que estão com seus filhos na escola em função da Pedagogia da Alternância, que atende à necessidade deles estarem na escola e, ao mesmo tempo, estarem na semana alternada trabalhando com a família. Isso caracteriza uma aceitação muito boa dessa modalidade pedagógica. E também os pais demonstram conhecimento sobre essa proposta pedagógica, o que é essa Pedagogia da Alternância. Na entrevista, eles falam da importância do plano de estudo e do projeto profissional. Essa entrevista foi feita com as 110 famílias dos alunos do ano de 2004. Alunos que estavam na 8ª série que iam para o 1º ano do ensino médio do Colégio Estadual Rei Alberto I, da 8ª série, da Fazenda Escola. E os alunos que estavam no ensino médio, na época. Eles colocam essa questão, essa necessidade. Outra questão muito interessante é que a maioria das outras escolas técnicas tradicionais faz um sistema pós - médio, e forma o técnico em 1 ano e meio. E o que eles estudam lá em 1 ano e meio, na EFA Rei Alberto I eles estudam em 3 anos, juntamente com o Ensino Médio. O tempo do aluno é valorizado, o curso se dá em concomitância com o Ensino Médio, o que propicia um tempo maior de aprendizagem. O que teve uma boa repercussão foi a questão do projeto profissional. Mesmo que a família não dê continuidade ao projeto profissional, como acontece às vezes, existem famílias que deram continuidade, mantiveram o projeto funcionando, e outros que os

filhos saíram para o mercado de trabalho. Este projeto é visto como uma ferramenta de trabalho para colocar o jovem em prática, o que prova que ele tem conteúdo prático e que o aluno sabe executar o que ele aprendeu.

A escola é para os jovens uma coisa que talvez eles não tenham em casa, que é um contato com um público mais diversificado. Muitos alunos vão lá até nos finais de semana. O tempo dos jovens no campo é controlado pela demanda da necessidade das culturas. Como nos revelou um dos ex-alunos na entrevista; *“a lavoura não tem como esperar, tipo, hoje é meu dia de folga... Hoje é o meu dia de descanso... Quando tá na hora da semente ser jogada na terra, a semente tem que ser jogada na terra; na hora de tirar o fruto, tem que tirar o fruto senão estraga”*. Isso ocorre principalmente nessa região, que tem uma produção muito perecível e melindrosa, como alface, tomate, repolho, inhame e couve. Uma chuva forte pode estragar toda a produção. Então, o cultivo não tem como esperar. Os momentos para o lazer são escassos, principalmente para as meninas e a escola se preocupa com isso. O Ensino Médio tem 20 horas-aula por semana de oficinas. E a metade dessas oficinas é prazerosa, não deixa de ser lazer para eles e são aprendizagens diferentes. Por exemplo: no laboratório de informática, mesmo que estejam no “Orkut” ou trocando mensagens na sala de bate-papo eles, num momento, esquecem do restante da vida e vão conversar de igual para igual com pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo.

A escola está tentando trazer uma pessoa com disponibilidade para lecionar Artes, assim como um professor de Educação Física que trabalhe com dança e incremente os esportes. Lazer para eles está ligado à questão dos esportes. Há uma preocupação com isso e a escola está ciente dessa questão.

Ela quer a alegria deles. A escola é esse espaço aberto para o diálogo... Coisa que eles não encontram muito em casa, por falta de tempo dentre outras questões... Embora as coisas já tenham mudado muito na região rural, inclusive no relacionamento com a família. Hoje já tem telefone na região há muita conversa entre vizinhos e familiares... (Diretor do Ensino Médio)

Na escola existem alunos pobres, mas não é uma escola de alunos carentes, desprovidos de quaisquer recursos. Grande parte dos alunos, apesar de estar na região rural, tem telefone em casa, alguns têm Internet discada. Essa escola não trabalha com aluno carente. Existem, na escola, fazendeiros, filhos de fazendeiros, meeiros, arrendatários dos fazendeiros, e empregados de meeiros ou de arrendatários. Existem classes sociais diferentes, mas no dia-a-dia dentro da escola, não existe diferença social entre eles.

Nesse levantamento feito pela pesquisa (em anexo nº1), 65% dos alunos do Ensino Médio estão diretamente envolvidos com a produção agrícola, inclusive as meninas. Uma média de 15% tem envolvimento somente nos momentos de pique: nos momentos de plantar e nos momentos de colher e o restante não se envolve. Alguns têm atividades familiares, 20% não têm envolvimento direto, mas não deixam de estar inseridos no contexto, pois de uma forma ou de outra, a família depende dessa produção: 90% são filhos de produtores agrícolas.

Em relação aos cuidados com o espaço escolar, na política da Educação Ambiental proposta pela Pedagogia da Alternância, é tarefa do aluno se sentir co-responsável por ele. É muito cômodo para alguém jogar um papel no chão, riscar uma parede e saber que depois vai ter um funcionário ali atrás limpando, recolhendo o lixo. A situação muda quando o aluno sabe que ele próprio vai

recolher o papel, ou um colega dele. É diferente também quando ele sabe que, quando terminar suas refeições na cozinha, é ele quem vai lavar o seu prato. Isso dá uma entonação diferente ou mesmo de responsabilidade e de cuidado em torno do espaço. Dentro disso existem outros assuntos que agora valem a pena serem lembrados: em março de 2006, houve uma reunião de 3 dias com as nove escolas pertencentes ao Corredor Agrícola. Como a maioria dos diretores de escola é fumante, os alunos reclamavam: “eles estão fumando dentro da escola!” É uma preocupação mesmo, pois o espaço é deles e tem que ser conservado. Então isso não nasceu especificamente nessa escola, é mesmo da proposta da Pedagogia da Alternância, que foi adaptada às condições de cada EFA. E isso faz com que eles se sintam donos, pertencentes ao espaço. Tipo assim: se ele joga papel no chão e o funcionário vai limpar, então o espaço não é dele, ele jogou e alguém vai limpar por ele, então o espaço não é dele. É como em casa: se a gente joga, é a gente que pega.

A questão ambiental em relação ao plano de formação não é contemplada em um tema específico. Existem temas ligados à produção e à vida do jovem e uma série de tópicos de pesquisas que se relacionam a eles. Como, por exemplo, no 2º ano recentemente, foi feito um plano de estudo sobre as criações comerciais e de subsistência. Um dos tópicos de estudo aborda o impacto dessa criação no meio ambiente. É comum, às vezes, o aluno ter uma visão errada sobre essa questão. Ele acha que, se numa área já existe degradação, ela pode ser mexida sem maiores preocupações, porque ali já existe instalada a degradação. Um trabalho de estudo ambiental torna-se necessário e, com a implantação da disciplina Gestão Ambiental, é mostrado a

eles que qualquer ação do homem no meio pode causar impacto ambiental. E se um espaço já está degradado e vai se implantar algo ali, isso aumentará ainda mais o impacto. Nessa disciplina, os alunos aprendem coletivamente a fazer um esboço de um Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), que norteará o Projeto Profissional que deve ser apresentado ao final do curso.

O trabalho interdisciplinar que envolve a questão da Educação Ambiental se faz através do Plano de Estudo, a partir do qual cada disciplina estabelece determinadas atividades. Como, por exemplo, a questão das criações: a localização no mapa onde tem determinadas criações. Existem regiões em que encontramos mais peixes, que é onde se desenvolve a piscicultura; no Alto de Salinas, tem região em que encontramos mais gado, onde se vê muito pasto, já em São Lourenço não se vê tanta pastagem. Tem área que tem uma suinocultura muito grande. Então, ao localizar isso dentro do mapa, estabelecer o grau e importância sócio-econômica, de geração de emprego e renda, isso é um trabalho de Geografia, que está ligado ao tema central (tema gerador) que é “Criações”. E na disciplina Gestão Ambiental (que é ministrada pelo professor de Geografia), analisa-se o impacto dessas criações. Há um envolvimento das disciplinas do núcleo comum (Geografia) e profissionalizante (Gestão Ambiental), tendo em vista sempre a questão ambiental. Daí a importância do Plano de Formação ser interdisciplinar, e de existir uma proposta envolvendo todos os professores.

Na dinâmica da Educação Ambiental na escola, o trabalho ocorre na elaboração de planos. Ele gira muito em torno da questão do manejo do solo, das plantas, porque, segundo uma das professoras:

a agricultura não pode ser só isso. Tem uma questão econômica, tem uma questão social e a questão própria do manejo. Então assim a terra é vista como a fonte de produção de renda para as famílias, elas devem cuidar daquilo ali. Porque a terra é a fonte do trabalho delas. Se houver um desgaste dessa terra, futuramente a região vai empobrecer. Então deve-se ter respeito e uma visão a passar para as gerações, que a terra é um bem que não é só nosso, é da humanidade... Só que para isso, tem que manejar sua terra de forma que ela não se degrade tanto, tem que respeitar a água, respeitar a fauna do local, por que isso tudo interfere, nas vidas futuras... Então assim o que eu consigo enfocar, é isso. Por que a região é muito convencional e se você entrar numa de que hoje todo mundo vai deixar de ser convencional vai ser produtor orgânico, isso não é fácil. Não é de uma hora pra outra, e... É um processo de transição, então você tem que respeitar ...Acho que é um processo que só a História vai poder contar pra gente.(

Em se tratando da montagem dos Projetos interdisciplinares na elaboração do plano de estudo, há uma troca entre os professores de zootecnia, agricultura, matemática, química, biologia e português. Mas a questão da interdisciplinaridade ainda não é real. Porque os professores têm horários diferentes e não estão na escola em tempo integral. Muitos moram fora da comunidade, outros moram na cidade do Rio de Janeiro. Além de terem horários são diferentes, nem todos são funcionários da Rede Estadual. Existem professores que fazem horas-extras, isso quer dizer que dão aulas e vão embora. Outros são contratados temporariamente, não havendo garantia de sua permanência na escola por mais de um ano. Para desenvolver atividades interdisciplinares, os professores devem pertencer a um quadro mais permanente, ter tempo de fazer reuniões pedagógicas e reuniões para discutirem o programa que vai ser trabalhado na escola. A interdisciplinaridade nos Planos de Estudo, para que ocorra efetivamente, necessita no mínimo, de juntar toda a equipe para fazê-lo. Há tentativa de se trabalhar com o todo, e inclusive não se fala de zootecnia sem se falar em agricultura, assim como meio ambiente, solo, matemática, física, química. Quer dizer, existe a tentativa

de que tudo gire em torno da vida, especialmente nas áreas técnicas, que lidam com a parte de administração rural, onde a vertente da educação é que trabalha a questão. A linguagem da sustentabilidade permeia todo o trabalho, tentando levar ao equilíbrio.

5.2- A relação entre a escola e as famílias

A produção da maioria das famílias passa por muitos tipos de cultivos, hortaliças em geral. Os pais trabalhavam muitas vezes de forma errada com o solo e com a própria cultura. Com o tempo, os conhecimentos adquiridos na escola foram transferidos pelos alunos aos familiares e demais parentes e vizinhos. Atualmente, as famílias estão mais conscientes das formas de cultivos e manejos do solo, bem como a forma de desenvolver a cultura como um todo.

A relação dos agricultores com a escola se torna delicada quando se trata do uso de agrotóxicos. Na escola é ensinado o uso correto, tipos, dosagens, efeitos, agravos ao meio ambiente e intoxicação. Na comunidade, como existem pessoas mais idosas que já lidam com essas substâncias há muito tempo, administrá-los de uma nova forma, é muito mais difícil. Principalmente porque eles sempre produziram sem grandes cuidados com a utilização desses produtos e nunca perceberam nada em relação aos seus efeitos sobre sua saúde.

A Estrada dos Três Picos está bem próxima da escola, lá há uma Reserva Ecológica. A existência dessa reserva na região mudou um pouco o olhar da comunidade em relação às questões da própria natureza, inclusive os caçadores que existiam antigamente não se vê mais falar tanto deles, como

nos afirmam os entrevistados. Os próprios filhos deles vão à escola, aprendem e chegam em casa e falam com seus pais sobre questões de proteção ambiental, isso mudou e está mudando, embora lentamente, a forma dessas pessoas lidarem com os recursos naturais.

5.3- Os professores e sua formação para o trabalho com a Pedagogia da Alternância

No relato de como se deu o processo de formação e orientação para trabalhar dentro da Pedagogia da Alternância, os professores técnicos disseram que não tinham nenhum conhecimento em relação a essa Pedagogia. Só que, para trabalhar nessa EFA, o Instituto Bélgica (IBELGA), juntamente com a direção e coordenação, forneceram cursos o que favoreceu o desenvolvimento do trabalho. Apesar de se ter ainda muitas dificuldades, porque são vários os instrumentos pedagógicos, já se avançou muito.

A dificuldade por eles encontrada se explica pelo fato da Pedagogia da Alternância ser algo muito novo para eles. Os professores estão desconstruindo boa parte do que aprenderam pedagogicamente, para construir um novo modo de se trabalhar a educação. Inclusive, revelaram que essa modalidade pedagógica provoca um avanço do senso crítico, não só dos educadores como também dos educandos, o que torna o trabalho muito interessante. Os professores têm ainda muitas dificuldades. Existem vários instrumentos, e uma carga horária insuficiente, para trabalhar os conteúdos, não há muito tempo disponível.

Ao serem perguntados se houve alguma resistência da comunidade ou de outros colegas para atuar em um curso técnico na modalidade da

alternância, que é diferenciada das escolas técnicas tradicionais, os professores responderam que, em relação à comunidade, não percebem problemas. Caso os tenha, não são conhecidos por eles. Ainda, quanto aos professores, eles trabalham em outros colégios que têm uma pedagogia totalmente diferente. Assim, há um estranhamento. Alguns acham que devem ser dados os conteúdos do Ensino Médio em sua totalidade, como tradicionalmente fazem em outras escolas, sem alterações, com a visão preparatória para o vestibular. À medida que os módulos vão sendo construídos, vão também conhecendo de fato como é a Pedagogia da Alternância. Os conceitos vão mudando. O conteúdo deve ser dado também, nos diz uma das professoras:

tem que ser um bom profissional, não é porque tá na Pedagogia da Alternância que ele não tem que ser um bom profissional, mas esses instrumentos de fato têm importância... Fica um conflito de fato. Será que todo esse conteúdo que o MEC institui que a gente tem que dar é de fato necessário? Será que isso tudo ele vai usar? E será que isso tudo influencia e será que ele sabe destrinchar isso pra ser um uso prático? Será que toda a matemática ele vê, há aplicação disso na prática? Então assim a gente tem que refletir se todo esse conteúdo a gente de fato sabe o que fazer na nossa prática do dia-a-dia, não só aqui na nossa comunidade, mas como um todo... A gente às vezes aprende muita coisa de Física e de Química, mas a gente não sabe nem onde vai aplicar aquilo, né? (professora do núcleo comum)

Em relação à questão da Educação Ambiental, os professores na sua formação acadêmica, e formação na Pedagogia da Alternância, não tiveram disciplinas específicas, nem preparo específico para lidar com essa questão. Na verdade, o envolvimento com atividades paralelas dentro da universidade, participação do Movimento Estudantil, Movimento Ecológico, Grupos de Agricultura Alternativa, textos, vivências, discussões, e entendimentos

autodidatas foram subsidiando a formação “um pouquinho mais diferenciada” do ponto de vista ecológico. O que trouxe uma consciência ecológica, de mudança. O que se consegue fazer com isso no seu dia-a-dia, na prática, é muito complicado porque, segundo uma professora entrevistada:

às vezes o ecológico tem uma visão muito de preservação, e, as pessoas aqui não estão de brincadeira na comunidade. Eles estão aqui, eles sobrevivem da agricultura, então você tem que ter muito cuidado, com essa questão ecológica. Porque senão você não consegue aliados, você consegue inimigos, se a sua proposta for muito radical... Então tem que ter muito cuidado e bom senso, as pessoas vivem da agricultura, elas num tão de brincadeira. Você não pode querer preservar tudo em nome do meio ambiente, e aí, na hora de comer , na hora de vestir? Acho que as pessoas tem que ensinar, educar, mais tendo o bom senso... Tendo uma consciência que é uma coisa gradativa, você vai conquistando aos poucos . Eu acho que a escola em si , eu trabalho aqui uns 3 ou 4 anos, ela já ganhou muito, em questões ecológicas. A gente ouve relatos que antigamente os produtores guardavam agrotóxicos na geladeira, e hoje em dia já tem uma consciência do que é o agrotóxico, acho que a gente tem que avançar muito ainda, porque o uso do agrotóxico, o equipamento de proteção individual. Às vezes não usam, mas mesmo assim acho que avançou muito e eu acho que muito em função do papel da escola na comunidade e de que informação ela trouxe, não só a escola, ela também trouxe gente. Ela foi formando, educando, informando, isso já é um avanço e a gente precisa fazer muito mais e a gente contribuiu muito pra isso. Mas eu acho que a gente não pode ser tão radical. (professora do núcleo comum)

No processo de formação dos professores para trabalhar especificamente na Pedagogia da Alternância, assim como para desenvolver o trabalho nas questões ambientais, os professores mais velhos disseram que, por terem uma formação mais antiga, na universidade não eram abordadas essas temáticas. Na época a questão ambiental não constituía um estudo específico em carreiras técnicas que lidassem com a agropecuária. No decorrer do tempo, ao ser desenvolvido o trabalho profissional na área de projeto e planejamento e na área financeira, foram percebendo que era uma vertente até

mesmo mais importante do que a própria produção. E, quando o profissional não passa por esse enfoque da questão ambiental, pode prejudicar o meio ambiente com as novas tecnologias de manejo agropecuário.

As buscas por informações e orientações nas questões ambientais foram executadas por conta própria e pela necessidade dos educadores envolvidos em lidar com essa temática com maior desenvoltura. Quando solicitados para trabalharem com a Pedagogia da Alternância, a sustentabilidade tanto econômica quanto ambiental e social, levam ao questionamento; sobre a sustentabilidade como um todo e o fato de usar os recursos naturais, conservando-os para as futuras gerações. Essa noção veio da experiência profissional e, a partir daí, a adaptação à Pedagogia da Alternância dependia de um aprofundamento nos estudos, principalmente em relação aos instrumentos pedagógicos. Esses instrumentos têm a sua especificidade em trabalhar primeiramente o meio e depois o que a tecnologia vai influenciar nesse meio.

Na entrevista com outro professor do Núcleo Básico, ao falar sobre a formação e orientação que teve para trabalhar na Pedagogia da Alternância, disse que, quando começou a atuar com uma das precursoras dessa modalidade pedagógica na região, adquiriu toda a carga de formação em Pedagogia da Alternância em todas as etapas: planos de estudo, visitas de estudo e caderno de acompanhamento. Ao ser indagado se encontrou alguma dificuldade para fazer as adaptações necessárias na escola e na comunidade, disse que essa modalidade pedagógica mexe com toda a estrutura da escola, já que é bem diferente da escola tradicional, principalmente em se tratando do Ensino Médio. Normalmente, os professores trazem uma bagagem

“conteudista”. Essa adequação, na opinião dele, é muito fácil de se fazer, desde que haja o entendimento do planejamento e funcionamento da Pedagogia da Alternância, das suas etapas e da importância disso. Tendo essa clareza, a inserção do conteúdo dentro do plano de estudo fica mais fácil.

5.4- A visão dos professores sobre a Pedagogia da Alternância; sua importância, dinâmica e dificuldades:

A Pedagogia da Alternância veio como uma resposta a uma angústia técnica, esses profissionais descreveram suas descobertas em relação a essa modalidade educacional como uma interação entre as tecnologias novas aplicadas ao campo e a realidade do meio rural. “*Sem a educação não conseguimos mudar nada no campo, a tecnologia levada não muda a realidade no meio rural*”, afirmaram. Ao analisar pelo ponto de vista da área administrativa, isso fica mais claro. As coisas continuavam correndo do mesmo jeito, a tecnologia ia sempre para os mais abastados, mais ricos. A modificação no meio rural, de fato, só se concretiza pela educação. A Pedagogia da Alternância se revela como uma grande aliada na área rural. Através dos seus instrumentos pedagógicos que buscam a realidade, o que se pode melhorar, a crítica dessa realidade, e o retorno para tentar modificar alguma coisa. Esses fatos são ilustrados pelo depoimento de uma das professoras do núcleo profissional:

Não tenho nenhuma ilusão de que isso vá acontecer em 4 anos, 5 anos, 10 anos, apesar da gente ver que existe um processo de crescimento. Mas mudar a realidade ambiental daqui da região, 30 anos talvez... Uma vez um professor disse pra mim: educação é trabalho de 30 anos, por que é trabalho de geração pra geração ... Então é... Eu desanimo quando vejo que estão desmatando os morros, apesar de tudo que a gente está tentando ensinar. Porque a formação técnica não consegue, ela nunca conseguiu em 25 anos responder às

necessidades que o produtor rural efetivamente tinha. (professora do núcleo profissionalizante)

Quando indagados se sentiam alguma resistência dos professores e alunos em relação aos planejamentos que fazem dentro da Pedagogia da Alternância, responderam que os alunos têm resistência a aquilo que não é bem feito. E, como os professores tinham ainda dificuldades de implantar na íntegra o que é recomendado pela Pedagogia da Alternância, o aprofundamento nos estudos torna-se necessário, o que vem facilitar a própria prática pedagógica dos educadores em questão. A partir do momento em que essa prática vai melhorando, eles vão entendendo melhor os contextos e vão se envolvendo mais.

É prazeroso e recompensado imediatamente o esforço que você fez em estudar e se aprofundar para trazer para eles a coisa mais elaborada, e eles aí recompensam com o esforço deles. É um processo realmente conjunto. Existem resistências de quem não entende o processo. Mas eu acho que quem não está entendendo o processo é por que a gente não explicou o suficiente ou é porque a gente não tá fazendo de forma adequada. (professora do núcleo profissionalizante).

A disponibilidade de tempo da equipe para se dedicar aos estudos pedagógicos e interdisciplinares é um grande desafio. Esse fato levou a equipe a discutir sobre o gerenciamento do seu tempo e foi prioridade como tema de discussão em um dos módulos do curso de capacitação para a Pedagogia da Alternância. Afirmaram, inclusive, que são financeiramente subsidiados pelos órgãos públicos, que têm suas grades curriculares, quer dizer, são presos a certos esquemas que a Pedagogia da Alternância não tem. O grande desafio é desestruturar essas grades e tentar, dentro desse tempo, fazer um trabalho interdisciplinar mais completo. “*Se todos os professores fossem de fato*

efetivamente comprometidos com essa questão, nós não teríamos problemas de tempo”, nos fala uma entrevistada.

O envolvimento da comunidade na escola é muito grande em todos os aspectos porque, ao que parece, ela gosta da escola. A maior parte dos filhos estudaram ou estudam na escola. Mas ainda está distante da participação e do comprometimento que é necessário dentro da Pedagogia da Alternância, onde o pai, a mãe e a família seriam quem efetivamente definiria os rumos da escola, inclusive os de conteúdos didáticos. Essa é a Filosofia dessa linha pedagógica. Dentre os instrumentos pedagógicos estão visitas à família, formação de pais e um relacionamento muito íntimo com esses pais.

Os professores trabalham a ligação das suas disciplinas específicas com a Pedagogia da Alternância com uma certa dificuldade, já que não existe um ciclo regular para os alunos. Eles ficam uma semana em aula na escola e outra em casa. Os cursos e palestras discutem o que é a Pedagogia da Alternância e como aplicá-la à realidade do aluno, conduzindo assim à construção da idéia da família-escola. A troca com o aluno permite que ele traga para a sala-de-aula suas vivências, onde é posta em prática a questão da Pedagogia da Alternância. Aprende-se muito mais com ele, em função da sua prática profissional. Muitas vezes os produtos levam nomes dos seus produtores para diferenciá-los no mercado. Os termos que eles usam se referem a alguma prática agrícola ou até mesmo os nomes que dão para sementes, como nos diz uma das professoras:

...Assim sempre digo que achei muito engraçado que pra mim tomate era tomate e pronto. Quando cheguei aqui, eu aprendi que nós temos vários nomes e inclusive vários nomes de mulher para as espécies de tomate, isso era um conhecimento que eu não tinha. Alguns plantam e eles dão nomes. E muitas vezes o processo em Língua Portuguesa é trabalhado em relação a isso.(professora do núcleo comum).

Os alunos fazem entrevistas com membros da comunidade e, em sala-de-aula, realizam as trocas de informações. Esse processo é o que os professores chamam de Plano de Estudo. Então é feita a leitura dessa pesquisa e são trabalhados: a correção ortográfica, a construção de texto, a troca de experiências ao entrevistar uma pessoa que trabalha na área rural, e o que ele pode influenciar naquilo que ele está ouvindo também. Essa interação é chamada de retorno, a troca de experiências com a comunidade.

E, especificamente em termos ambientais, tem um projeto muito interessante na escola que é a questão do rio limpo. É um projeto realizado já há alguns anos e é uma conscientização tanto da comunidade em geral como dos alunos na coleta de lixo que beira o rio. Eles também ajudam não só a limpar, mas a conscientizar que não se deve jogar lixo nas margens dos rios. Esse projeto é também voltado para as embalagens de agrotóxicos, discute-se sobre o não reaproveitamento delas, e a devolução das mesmas para o local de compra evitando-se a não contaminação do meio ambiente.

Então isso é uma coisa que a gente aprende tanto nos cursos, nas reuniões, como na troca do aluno. O aluno tem consciência disso na prática dele o que é importante. A própria produção com um nível de agrotóxico baixíssimo, o menor possível, para que não cause danos à saúde e ao próprio meio ambiente, já que vai retornar pra ele em termos de saúde.(professora do núcleo comum)

Em relação aos temas transversais que devem ser trabalhados, muitas vezes os professores não são preparados para lidar com eles. São “preparados” na prática. Quando deparam com os problemas ou uma situação diferente é que vão reunir, conversar sobre o assunto, assistir filmes, procurar

palestras ou algo que sirva de ponte. A educação atualmente, na opinião deles, passa muito por isso – experimentação. *“A formação acadêmica, diz que se tem que ter isso, isso, isso... Mas ela trabalha de uma forma superficial e o aprofundamento parte da própria prática, acredito eu...”*(professora do núcleo comum).

Na Pedagogia da Alternância, na escola especificamente, a professora entrevistada sente muita dificuldade em associar o tema Educação Ambiental à sua disciplina.

È porque nós temos temas transversais em educação e a questão ambiental é um deles. Então a gente não trata isso só na Pedagogia da Alternância e sim em qualquer escola. Aqui o que a gente trabalha especificamente foi nessa preparação do Projeto Rio Limpo e do trato com as embalagens de agrotóxicos com a utilização desses produtos na produção. Especificamente se houve outros eu não participei. (professora do núcleo comum)

Quando indagada sobre como se aborda a questão ambiental em sua disciplina, a professora deixou claro suas dificuldades com a temática:

Na parte de Literatura depois de um determinado momento, você pode falar sobre isso. No 2º ano ou no 3º quando você já pode falar de um regionalismo, quando você pode trabalhar textos que falam no Arcadismo na literatura você pode trazer a realidade do homem o trato com a terra, o trato com a relação de trabalho. Só que muitas vezes o tema é muito específico, é uma microempresa, é a questão da manufatura, da industrialização de um produto. Ele é muito específico então se distancia um pouco do meu tema aula-literatura. Eu sinto mais dificuldade em Literatura. Na parte de Português podemos fazer tanto a parte oral (conversa), quanto a parte escrita do texto, na correção isso não tem muito problema. Mas pra parte de literatura tenho um pouco de dificuldade principalmente nos primeiros anos, porque essa parte de literatura do 1º ano é mais complexa, muitas vezes mais difícil. Um pouco mais distante dos temas. Quer dizer, a gente tem que tentar adequar tema e plano/aula”, matéria/disciplina. Literatura, Português,

Redação. Então eu sinto um pouco de dificuldade nisso. (professora do núcleo comum)

O envolvimento da comunidade com a escola foi apontado como muito bom, levando-se em consideração a comparação com outras escolas da região. Observa-se esse diferencial na participação da comunidade nas atividades escolares. Na fase de implantação da escola, os pais participaram se cotizando, tentando achar uma forma de suprir a carência de professores, trazendo novos profissionais para a escola, reivindicando também pela área técnica. Esta apresenta uma situação mais delicada, já que não tem concurso para a área técnica, os professores são contratados.

Na questão do aprendizado, os alunos levam o que aprendem para a comunidade, e vice-versa. Ao realizar entrevistas e apresentá-las em sala, há um questionamento: o real, o técnico, o que acontece, o saber trazido pelo agricultor é construído a partir da experiência dele, o que muitas vezes é tecnicamente considerado errado. Mas, nas discussões em sala, são orientados sobre o respeito e a sutileza para se chegar aos agricultores e comentar as práticas. Então, esse retorno é uma coisa mais lenta. Os alunos são orientados para inserirem esse conhecimento obtido na escola na sua comunidade, de forma ética, como nos fala uma professora:

Você não pode chegar e dizer que eu sou técnico e tudo que você está fazendo está errado, não é assim. É uma experiência, é uma prática de anos e anos. Ao mesmo tempo aos poucos isso pode ser modificado como a questão da queima dos solos ... Sem contar que tem toda uma questão ambiental. Então isso é um processo eu acho... Mais lento esse retorno. Até muitas vezes, uma pessoa, que pratica determinado ato que não é considerado correto, ela não se modifica de um dia para o outro. O Agrotóxico, por exemplo. Se diminuir um pouco, o produto sai muitas vezes um pouquinho menor, mas, mais saudável. Mas e aí? Tem a questão do

comércio, do lucro, da venda aquela coisa toda. Então é um retorno mais lento, mas há uma troca. A comunidade participa e acredita nos ensinamentos da escola, o que eu acho interessante. (professora do núcleo profissionalizante)

A dinâmica passa por um determinado tema gerador. A partir dele, todos professores vão pesquisar textos dentro da sua disciplina, então todos os livros, revistas, filmes, onde seja possível achar aquele tema, e como aquilo pode encaixar dentro da matéria lecionada. O conteúdo é dado, ele tem que existir, aí o que muda muito é a ordem. Então, é comum existir um aluno da escola no 2º ano, que já tenha visto matéria do 3º de outro colégio e não viu alguma do 1º ainda, porque isso vai encaixar no plano do 3º. Então tem que haver uma sintonia e uma versatilidade muito grande da equipe como um todo, nesse trilhar da disciplina em si. Em média, são feitos quatro planos bimestrais de estudos, por ano.

Na elaboração dos planos, na colocação do professor, a questão da Educação Ambiental é uma preocupação de tempo integral manifestada por todas as disciplinas. Dentro do planejamento, não existe uma abordagem pontual da questão ambiental que trabalhe o meio ambiente separadamente e aí param o capítulo e trabalha uma semana com esse tema. É uma coisa mais linear, então existe em todas as disciplinas. Porque é uma realidade das pessoas da região. Eles vivem lidando diretamente com os recursos naturais.

Os “cadernos de acompanhamento” dos alunos evidenciam que a interação deles com a escola é muito intensa:

Eu acho muito engraçado porque eles podiam mentir nesse caderno, eu não estou na casa deles. Eu não estou lá com a família deles acompanhando se aquilo que eles anotaram é verdade ou não. Tipo fiz milhões de coisas. Mas quando lemos r esses cadernos, verificamos que eles foram o mais sincero

possível. Atividades de casa- “não fiz nada”... Não estamos na casa deles pra ver o que ele fez... Se ajudou na lavoura, se a filha ajudou a mãe na cozinha ou não... Ela ou ele poderia colocar qualquer coisa ali... Às vezes eles põem ali: essa semana não fiz nada. Então eles tem uma relação de muita sinceridade. Quando começamos a acompanhar o aluno vemos como a Pedagogia da Alternância é importante pra ele. E esse caderno de acompanhamento faz esse elo. É comum no caderno de acompanhamento vermos, como por exemplo, uma aluna : fui à igreja, fui à igreja... E depois vem não fui à igreja. Aí temos que perguntar: Por que você não foi à igreja? Então ela vem conversar com a gente. E fala que está chateada que aquele dia ela não pode ir à igreja... (professor do núcleo comum)

A maioria dos pais é analfabeta, então eles não têm como acompanhar a vida escolar dos filhos, mas eles acompanham as notas e a disciplina. Qualquer problema com disciplina, caso haja alguma reclamação, os pais vão à escola no dia seguinte e os filhos não mentem. Os pais conversam, dão bronca nos filhos e eles ficam quietinhos ouvindo.

No dia-a-dia da sala de aula, o professor não abre mão de um texto explicativo. Por ser alternância, ele fica sem contato com o aluno muito tempo. É diferente das escolas tradicionais, onde os alunos encontram os professores durante toda a semana. Então há uma cobrança didática maior.

O trabalho é dobrado. Tenho que pensar numa maneira em que na semana inversa (semana que o aluno fica em casa) o aluno pense na matéria que foi dada. Hoje eles então aqui. Dei minha aula agora sobre força, trabalho e energia e troca de energia, ele vai levando a tarefa para casa dentro do caderno de acompanhamento, a tarefa que é a de descobrir as transformações de energia que ocorrem no sítio dele. Então a energia elétrica que vai se transformando em energia mecânica, ele vai trabalhar isso e vai trazer essa pesquisa pra mim. Ele vai fazer uma exposição oral então um vai rir do outro, por que um entendeu certo e o outro entendeu errado, então eles mesmos se ensinam. É muito engraçado... você não viu que era assim, era pra ter feito isso... Essa troca existe entre eles. É muito interessante. Aqui não existe o inteligente e o burro, todos estão aprendendo e eu acho isso muito bonito. Há uma parceria entre eles. Ninguém fica pra traz. Vem todo mundo junto. Eles formam blocos, fecham esses blocos e vão

trabalhando juntos. Por isso é que as médias são até mais altas. Eles se ajudam mesmo. Como você não entendeu isso? Falam, falam para os outros... Isso é fácil... Levanta um lá da frente e vai lá atrás e volta, existe essa troca de informações muito grande aqui dentro. Isso facilita bastante a aula. Quando começamos a falar eles começam a dar as suas opiniões, discutem o assunto conosco. Quando eles começam a falar muito alto, eles estão resolvendo problemas da disciplina. Mas e professor e se...e se...É muito mais dinâmico do que o normal nas outras escolas.(professor do núcleo comum)

No Ensino Médio os alunos só recebem livros de Português e Matemática, mas a escola comprou livros e a biblioteca é boa e todos têm acesso a ela. O professor pode levar os livros para a sala de aula e depois retornar com eles. Além da biblioteca, a escola tem computadores conectados à Internet.

Com a Internet as coisas ficaram muito fáceis... Eu vou com eles para o computador e eles mesmos pesquisam textos de acordo com as perguntas que eles têm de responder. Eu elaboro as perguntas e eles elaboram os textos. (professor do núcleo comum).

Professores e alunos têm acesso aos livros. O aluno também pode levar o livro para casa, desde que tenha a autorização do diretor. Na semana que o aluno intercala, ele pode também vir à escola para pesquisar. Ele também vai à Biblioteca Central de Friburgo.

O aluno aqui é muito desprendido, então se o assunto é sobre meio ambiente, e ele vai falar sobre nascentes, por exemplo, ele sabe que existem projetos sobre o tema, ele por conta própria procura o órgão encarregado e despenca pra lá e vai fazer a pesquisa lá. Eles conversam muito com quem já saiu da escola. Vira e mexe os ex-alunos também estão aqui no colégio. (professor do núcleo comum).

5.5- Os alunos da EFA e sua visão sobre a Escola e seus projetos

Os estudantes que responderam ao questionário são da turma do ano de 2006, alunos do 3º ano do Ensino Médio/Profissionalizante dessa Escola Família Agrícola. Essa turma é composta por sete alunos, todos do sexo masculino, nascidos na cidade de Nova Friburgo e arredores, com faixa etária média de vinte anos.

O questionário continha quarenta questões, das quais 38 são objetivas e 2 descritivas. Ao fazer a leitura desses questionários, pudemos ter uma visão mais ampla e coletar dados e impressões dos alunos sobre a escola.

A maioria dos alunos possui residência própria, com renda familiar entre três a quatro salários mínimos e moram em suas residências com quatro a seis pessoas. Há predominância do envolvimento da família em atividades agropecuárias.

A terra utilizada pelas famílias para a produção é própria, arrendada ou de meação. Os alunos, em casa, na semana inversa, trabalham nas atividades relacionadas à produção agrícola e aos trabalhos domésticos.

O motivo da escolha dessa modalidade de escola se deu principalmente devido à formação técnica concomitante com o Ensino Médio. O acompanhamento das atividades por seus pais ou responsáveis, às vezes se faz presente. Muitos consideram que sua formação como técnico em Agropecuária concomitante com o Ensino Médio na modalidade da Pedagogia da Alternância é uma experiência boa. Poucos são os alunos que estão nessa escola pelo fato de não terem outras alternativas na região.

A expectativa desses jovens é a busca de um emprego, seja na área técnica ou não. Apenas um dos alunos demonstrou o desejo de dar continuidade aos estudos em nível superior.

Em relação à contribuição dos planos de estudo, uma das estratégias de trabalho na Pedagogia da Alternância, os alunos os consideraram como sendo mais relevantes, principalmente pelo fato de levarem novos conhecimentos para a família e para a comunidade e envolvê-los no processo de aprendizagem, além de facilitarem as trocas de experiências entre alunos e seus familiares.

A exigência de um projeto profissional para a conclusão do Curso Técnico em Agropecuária, segundo os alunos, é importante. O tema escolhido por eles para desenvolverem o projeto profissional diz muito sobre a realidade em que vivem e o anseio de buscarem novos cultivos ou técnicas que possam ser implantadas na região, como por exemplo: Cultivo de diferentes modalidades de tomates para comparação, produção de mudas frutíferas por estaca e via seminal, produção de mudas frutíferas para reflorestamento, comparação de produtividade e qualidade entre dois tipos de batatas inglesas, comparação da produção de mudas de eucalipto em diferentes tipos de recipientes, experimentação agrícola: uso de aveia preta e cal virgem no controle de nematóides e hérnias das crucíferas.

Vários foram os motivos que os levaram a escolher esses temas, tais como: estar ligado ao seu trabalho, o que facilita a implantação; por ser uma inovação na região, vontade de conhecer novas áreas de trabalho, ainda não exploradas na região, e a preocupação com a perda de produção de culturas,

devido à presença de doenças causadas por nematóides e hérnias que abrangem cerca de 30 a 50 % da produção total.

Embora, na opinião dos alunos, o número de aulas práticas e teóricas nas disciplinas técnicas, seja insuficiente, é nessas disciplinas que eles sentem um maior contato com as questões ambientais.

A formação deles como técnico em Agropecuária permite uma maior reflexão em relação às questões ambientais, porque, segundo os mesmos, esse tema favorece a ampliação da visão das questões na natureza e das dificuldades que os lavradores têm em certas épocas do ano com o manejo das suas plantações.

Além de mostrar como conservar o meio ambiente, como é o caso da produção orgânica agrícola, a discussão de novas técnicas durante as aulas permite produzir, sem prejudicar o espaço em que está sendo implantado o cultivo. Aprender novas práticas e técnicas, refletir mais facilmente e profissionalmente sobre as questões ambientais, facilita a compreensão da realidade ambiental e do que fazer para atenuar esses problemas relacionados a ela.

Ao serem indagados se tinham conhecimento em relação aos termos Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental, 50% disseram conhecer e os demais conhecem mais ou menos. Disseram ainda que, no decorrer do curso, recebem instruções relacionadas ao manejo dos recursos naturais de forma sustentável e que os professores às vezes fazem a abordagem da Educação Ambiental. Eles acham que há um envolvimento entre a escola e a comunidade rural, no sentido de conservar os recursos naturais da sua região, embora percebam contradições entre o que se aprende na escola e o que é

feito pelos agricultores e seus familiares na região. Para eles, a Pedagogia da Alternância facilita a aplicação dos conhecimentos adquiridos na escola, em sua comunidade.

Disseram que nunca tiveram separadamente a disciplina Educação Ambiental. Dizem desconhecer o termo interdisciplinaridade e cerca de 50% disseram ter conhecimento de algum projeto, trabalho ou pesquisa que envolva mais de uma disciplina, em seu curso. No projeto profissional para a conclusão do curso, houve preocupação em relação à conservação dos recursos naturais.

O projeto de cultivo de sementes e mudas de espécies da Mata Atlântica, que está acontecendo na escola, para eles é muito importante. Houve discussões em sala de aula a esse respeito e apenas três alunos tiveram alguma participação na execução do mesmo. Ao especificar o tipo de participação, disseram que, ajudam na produção de mudas, a fazer sementeiras e colocarem sementes nelas e participam como estagiários, realizando o plantio de sementes e árvores na comunidade.

No decorrer do curso, disseram que aprenderam sobre agricultura orgânica. E alguns conhecem, na região, algum agricultor que desenvolve o cultivo orgânico. No curso, aprenderam também sobre controle biológico de pragas. E na região, poucos sabem de algum agricultor que aplique o controle biológico de pragas.

Eles apontam que a utilização dos agrotóxicos nessa região é necessária e que não tem alternativa. A forma como é abordado o manejo dos agrotóxicos, na escola, em relação aos seus efeitos, para alguns não é feita de forma esclarecedora. A maioria já fez uso de agrotóxicos em algum tipo de cultivo.

De todas as orientações dadas pela escola em relação ao manejo dos recursos naturais, eles consideram mais importante para a sua vida e a vida de sua família, a proteção e manejo dos recursos hídricos, o uso adequado de agrotóxicos, a proteção das matas ciliares, evitar o desmatamento em geral, principalmente perto das nascentes, a utilização de curva de nível para evitar o assoreamento dos rios, a preservação das nascentes e o uso do solo nos cultivos da melhor maneira possível, prejudicando-o minimamente, a orientação sobre a preservação das matas ciliares e em torno das nascentes, pois isso pode colaborar para as gerações futuras.

Ao pedir para que eles abordassem os principais pontos positivos e negativos do curso, eles indicaram como:

A. Positivos:

1. Estar voltado para a área técnica e a maioria dos alunos é de produtores.
2. É fundamental, pois é relacionado com as condições da região.
3. A relação de amizade entre as professores e alunos, diálogos, discussões sobre assuntos polêmicos.
4. Aborda bem o que é feito na região, ajuda a interagir com a comunidade e com os profissionais.
5. Instruções de como produzir sem prejudicar o meio ambiente. Aprendizagem de novas técnicas de produção e conscientização no uso de agrotóxicos.
6. A capacitação dos alunos em um curso técnico. Aprendizagem nas áreas de agricultura e zootecnia enfim em agropecuária.

7. A forma de passar para o aluno, a maneira mais simples de se produzir, o que é também mais saudável. Além disso, o aluno adquire um diploma, podendo ingressar mais facilmente no mercado de trabalho.

B. Negativos:

1. Prática de estágio. (dificuldades em conseguir tempo e locais para a execução)
2. Poderia ter a possibilidade de se escolher entre fazer o curso ou não, junto ao ensino médio.
3. Alegaram que os professores abordam muito a questão da agricultura orgânica, mas ultimamente começaram a passar mais coisas sobre agricultura convencional.*
4. Pouca aula prática.
5. Pouco trabalho em relação à nutrição das plantas e sobre agrotóxicos.

As principais dificuldades que enfrentam em relação ao curso foram:

1. O trabalho na semana inversa.
2. Realização e execução do Projeto Profissional.
3. Dificuldades na parte do custeio do projeto e de local para implantação do mesmo, pois alguns alunos não têm terra própria.
4. Cumprir a carga horária de estágio.
5. Adaptação ao curso, quando o aluno é procedente de escolas tradicionais.

Alternativas apontadas por eles para fazer frente às dificuldades:

1. O colégio ajudar a custear o projeto e disponibilizar terras para a implantação do mesmo.

2. Tentar encontrar empresas locais boas, onde se possa realizar o estágio.
3. Interagir com outros alunos que já tenham experiências no assunto.
4. Buscar ajuda em outros colégios com outros professores da área técnica.

*Na visão dos alunos, a agricultura orgânica é inviável na região.

5.6 - A visão dos ex-alunos sobre a EFA e seus projetos

Os ex-alunos entrevistados vêem a EFA Rei Alberto I, como um espaço que permitiu mudanças e evolução na vida deles. Ao entrevistar ex-alunos, eles afirmaram, dentre outras coisas, que:

essa escola aqui é tudo. Mudou muito nosso pensamento, a vivência, teve muita amizade entre as pessoas... Entre alunos, professores, cozinheiros... Não teve aquela divisão de setores. Então, temos tudo a agradecer a essa escola, que para nossa vivência desse mundo a escola favoreceu muito, pra crescer nessa vida. Teve também o curso, as aulas foram maravilhosas.(ex-aluno)

O curso trouxe bastante experiência para eles, numa área em que já atuam há bastante tempo, visto que são nascidos e criados na região rural. O curso favoreceu o aperfeiçoamento do manejo com o solo, com a natureza, o que foi de grande utilidade, embora tenha suas limitações.

Em relação à vida profissional, disseram que a escola os preparou bastante e boa parte da suas vidas foi dedicada a esse curso, que é voltado para as questões agrícolas. Disseram também que suas vivências em relação aos agrotóxicos mudaram muito, já que na escola aprenderam a lidar com esses produtos.

Quando indagados sobre os seus projetos profissionais, um deles disse que escolheu sobre a Criação de Galinha Caipira. Escolheu esse tema porque era mais simples e não tinha muito custo. Ele já tinha em casa algumas matrizes e já lidava muito com esse tipo de criação. E avaliou que foi um lucro favorável, teve um investimento baixo e também gostava do manejo com esses animais. Quando foi elaborado o projeto, teve a preocupação em relação à questão ambiental, à proteção dos recursos ambientais e à sua relação com essa criação especificamente, principalmente porque a criação é alimentada por restos das lavouras. Outro entrevistado teve como tema de seu projeto profissional o Cultivo de Pepino Japonês, evidenciando uma preocupação com a questão ambiental. Fez todas as pesquisas e análises, tudo que precisava, dentro do que precisava. O projeto não foi posto em prática devido às condições do mercado não serem favoráveis a esse cultivo na região.

Os entrevistados sentiram, na elaboração das aulas, certa preocupação com a manutenção dos recursos naturais, por todos os professores. Inclusive, os das áreas técnicas sempre tinham preocupações e recomendavam medidas que deviam ser tomadas em relação ao meio ambiente. Em relação aos agrotóxicos, esses, na opinião dos ex-alunos, são essenciais na região. Só que devem ser usados de maneira conscientizada, tomando todas as providências necessárias.

No decorrer do curso, os entrevistados disseram ter tido contato com o termo agricultura orgânica. Afirmaram ser uma coisa muito difícil. Não adiantava alguns produzirem seus cultivos organicamente e seus vizinhos produzirem quimicamente. A questão do agrotóxico é muito arraigada na região.

Ao serem investigados se já ouviram falar ou se já trabalharam em algum momento com controle biológico de pragas, responderam que sim e que é muito difícil de conseguir. Exige muita dedicação, tem que ter uma área muito afastada das outras e apropriada para isso. Na terra deles, por exemplo, não tem como fazer esse tipo de manejo.

Eles acham que poderia melhorar o reforço técnico em relação às exigências do mercado, a escola teria que buscar recursos para melhorar o “curso”, que ela oferece. Ela poderia oferecer outras saídas, outros mercados. Trazer profissionais de outros lugares, de práticas diferentes das desenvolvidas na região. Pois, segundo os entrevistados, existem muitas maneiras de se cultivar o solo, e, em outros lugares podem ser diferentes e melhores para esse ambiente especificamente. Assim, misturar esses tipos de cultivos seria importante.

Em se tratando de eventos e projetos pedagógicos escolares, a comunidade é participativa, atuou no projeto de coleta de lixo, o que favoreceu muito a diminuição de lixo nas estradas com o decorrer do tempo, além de participar ativamente das festividades escolares.

Na opinião dos alunos, para aperfeiçoar o curso e ficarem com um melhor desempenho profissional, os estudantes devem buscar maior quantidade de estágios, e se voltarem mais aos estudos, para com isso saírem mais tranquilos em direção ao mercado de trabalho. Esse mercado exige muito conhecimento técnico e prático. Para trabalhar e atuar nessa área e exercer a profissão deve ter muita dedicação.

6- A Pedagogia da Alternância como uma alternativa para a educação no meio rural: reflexões a partir da pesquisa

Escolas como a EFA Rei Alberto I se destacam por ser uma iniciativa que atende ao anseio das famílias do meio rural. O próprio núcleo familiar acaba sendo beneficiado, principalmente quando os jovens pertencentes a EFA atuam na região como multiplicadores, beneficiando até mesmo famílias e propriedades vizinhas. Sabemos que no meio rural existe uma grande dificuldade dos agricultores familiares em dispensar os filhos do trabalho e mantê-los na escola por muito tempo. A Pedagogia da Alternância torna-se uma saída interessante para minimizar esse problema, pois o tempo de trabalho do jovem é considerado como um elemento importante do processo educativo. A Pedagogia da Alternância reconhece a necessidade da mão-de-obra juvenil na propriedade familiar, ao mesmo tempo em que usa essa necessidade como estratégia de intensificação da aprendizagem técnica.

A falta de mão-de-obra nas propriedades rurais e o envolvimento de toda a família na produção são responsáveis por boa parcela de evasão escolar dos jovens no campo. A modalidade pedagógica em questão se propõe a buscar a possibilidade de o jovem manter-se estudando sem prejuízo para a produção familiar. Privando-se apenas de semanas alternadas da mão-de-obra do(a) filho(a) e sendo compensada essa ausência na produção com inovações técnicas que o(a) jovem leva da escola para a propriedade, daí o interesse das famílias pela EFA em questão. Isso é reforçado pelos dados obtidos em entrevistas com os pais e/ou responsáveis pelos alunos, realizadas pela direção da escola, em 2004. Quando indagados a cerca da satisfação destes

com a Escola Técnica Agrícola na modalidade da Pedagogia da Alternância, a aceitação foi quase unânime.

Também é válido lembrar que a hierarquia na ordem moral no campo está encarnada na figura social do pai, através da propriedade da terra, da autoridade legitimada, pelo saber que passa de pai para filho e do reconhecimento institucional desse papel social. Como o saber do pai está sendo questionado quanto a sua eficiência, devido principalmente ao fato deste ter maior dificuldade de adaptações às novas tecnologias e manejos de cultivos, a interferência da EFA, ao introduzir novos valores no processo de administração da produção familiar, proporciona certa autoridade ao filho, fazendo com que a concentração da autoridade no pai se fragmente, facilitando a emergência de autoridades múltiplas. Isso torna possível, caso seja feita uma educação com enfoque na Educação Ambiental, viabilizar uma agricultura sustentável, sem agressões e prejuízos ao meio ambiente, gerando assim mais perspectivas para as gerações futuras.

Na política da Educação Ambiental proposta pela Pedagogia da Alternância e aplicada pela escola em questão, o cuidado com o espaço escolar é tarefa dos alunos. São eles, em equipes rotativas, junto aos auxiliares de serviços, que limpam a escola e ajudam nas tarefas da cozinha, o que os tornam co-responsáveis por esse espaço. Não vemos em todo espaço escolar pichações, lixos fora das lixeiras e os restos de alimentos são direcionados para a alimentação das criações. A escola é como um todo, cuidada por eles.

Essa ação não nasceu especificamente nesta escola, é mesmo da proposta da Pedagogia da Alternância que é adaptada às condições de cada EFA. E isso faz com que os alunos se sintam donos, pertencentes ao espaço.

Rebrota aqui a questão da pertença, do habitat como territorialidade, apropriação do espaço. Ao verificarmos isso em campo vem à tona a questão da pedagogia do ambiente citada por Enrique Leff:

A Educação ambiental traz consigo uma nova pedagogia que surge da necessidade de orientar uma educação dentro de um contexto social e na realidade ecológica cultural onde se situam os sujeitos e os atores do processo educativo... Uma pedagogia do ambiente implica ensinamentos que derivam das práticas concretas que se desenvolvem no meio... Implica tomar o ambiente em seu contexto físico, biológico, cultural e social, como uma fonte de aprendizagem... Isso leva a internalizar os princípios e valores ambientais nos conteúdos, enfoques e práticas do processo educativo. (Leff, 2001 p. 257 e 258.)

A educação ambiental fomenta novas atitudes, novos valores nos sujeitos, onde o processo ensino – aprendizagem implica um questionamento do “edifício do conhecimento” e do sistema educacional atuais, que reproduzem os modelos sociais desiguais, insustentáveis e autoritários, através de formações ideológicas que moldam os sujeitos sociais para ajustá-los às estruturas sociais dominantes. Ela surge num processo de emancipação da cidadania e de mudança social, como novas vias para apropriação do saber. Isso pressupõe internalizar na ciência da educação o conceito de ambiente, que em sua complexidade traz esse novo olhar e fazer pedagógicos.

As questões ambientais em relação aos planos de formação e de estudo, adotados na Pedagogia da Alternância, nessa escola pesquisada, não são contempladas em um tema específico. Existem temas ligados à produção agrícola e à vida do jovem. E uma série de tópicos de pesquisas que se relacionam a eles, “é o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas

geradores” (Freire, 1987p.87). Essas *temáticas significativas* dentro da dinâmica da Educação Ambiental nessa escola ocorrem na elaboração de planos.

Em se tratando da montagem dos Projetos interdisciplinares, na elaboração do plano de estudo e de formação, os professores revelaram que há uma troca entre eles, mas a questão da interdisciplinaridade ainda não é real. Muitos deles têm dificuldades com horários e disponibilidade para tal. E a maioria dos educadores não pertence ao quadro efetivo da escola, o que deflagra uma certa rotatividade do quadro.

Para lidarem com temas ligados às questões ambientais com maior desenvoltura, os educadores, tanto do núcleo técnico quanto do núcleo comum, buscam por informações e orientações por conta própria. As noções que eles têm vieram das experiências profissionais anteriores e, a partir daí, a adaptação disso à Pedagogia da Alternância.

O **Plano de Formação** consiste em um grande painel, onde estão dispostos todos os processos formativos pelo qual passará o jovem ao longo de um ano, (seria como o planejamento anual, só que com a atuação dos pais numa perspectiva horizontal de planejamento, utilizando temas geradores ao longo do ano letivo). Constam nele temas geradores que nascem de uma interação dos pais com os educadores, o que vimos, através das entrevistas e questionários aplicados aos alunos do 3º ano. Entretanto, isso ainda não ocorre efetivamente nessa EFA: onde deveria haver a colaboração e interferência de todas as disciplinas para o desenvolvimento pedagógico e formativo destes temas, apenas algumas disciplinas participam. Ao organizar o Plano de Formação, teoricamente todas as atividades formativas e disciplinares convergiriam para um tema, logo se pode alcançar uma interdisciplinaridade na

formação. Onde ainda lembrando MOREIRA e BEGNAMI (1996; p. 35) “o Plano de Formação deve representar a articulação entre seis elementos básicos da EFA e da Pedagogia da Alternância: o conteúdo, o aluno, o professor, a organização, a participação familiar e a avaliação”.

O **Plano de Estudo** com temas geradores é uma ferramenta pedagógica que serve de elo entre o conhecimento familiar e as atividades disciplinares que são desenvolvidas na escola. Ele funciona como uma dinâmica de debate sobre um tema proposto e a enumeração de dúvidas e questões para o jovem levar para o meio sócio-familiar. Uma vez retornando ao meio familiar, as questões seriam debatidas com os pais, familiares e com alguns membros da comunidade. Essa dialogicidade, ao que parece, nem sempre é efetivada. Mas durante as entrevistas com os ex-alunos e professores, percebe-se um certo avanço nas trocas entre os alunos e seus familiares, fenômeno praticamente inexistente antes da implantação da EFA Rei Alberto I.

O tema gerador, como nos ensina Paulo Freire, deve ser amplo para que possa ser desdobrado, garantindo a busca da compreensão da realidade, e, com isso ter condições de transformá-la. É um tema - problema que diz respeito à comunidade envolvida, capaz de gerar discussões e busca de alternativas à cerca dos interesses em questão, ele passa por relações intergrupais e interpessoais.

Caso o Plano de Estudo de um determinado tema traga um enfoque mais específico ou complementar dentro de uma determinada disciplina ou se a equipe de professores achar que ele pode apresentar uma forma mais específica, recomenda-se elaborar uma Folha de Observação. Ela pode ser

feita da mesma forma que o Plano de Estudo ou as questões serem postas pelos professores.

Na verdade pode-se entender a pesquisa do Plano de Estudo como um elemento facilitador do diálogo entre pais e filhos. A continuidade de diálogo do jovem com sua família e com a comunidade se dá com o retorno do Plano de Estudo. Ou seja, após apresentar o resultado de sua pesquisa, debater, produzir uma síntese, complementar a pesquisa com as Folhas de Observação, aprofundar científica e teoricamente com os professores, experimentar com estágios atividades práticas, o aluno retorna para o seu meio, com o propósito de disseminar estas informações ampliando os conhecimentos da sua comunidade.

No decorrer das entrevistas com os professores, detectamos que, na percepção destes, trabalhar Educação Ambiental neste contexto da Pedagogia da Alternância, faz muito refletir sobre a questão do manejo do solo em si. É complicado imaginar mudanças relacionadas ao dia-a-dia diante dos conhecimentos que uma nova consciência ecológica traz e as mudanças necessárias para essas práticas. Foi-nos revelado o receio quando uma professora nos diz que:

... as pessoas aqui não estão de brincadeira na comunidade. Elas estão aqui, elas sobrevivem da agricultura... Você consegue inimigos, se a sua proposta for muito radical... Então tem que ter muito cuidado e bom senso...(professora do núcleo comum)

Fica clara a dificuldade de substituir valores onde a prática da agricultura predatória é o que parece certo e é o que foi passando gerações após gerações de pais para filhos. Isso nos remete ao conceito de *habitus* em

Bourdieu, “um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização”. E, segundo Bonnewitz:

...Essas disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. A interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização, na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados como óbvios, como naturais, como quase instintivos, a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar explicitamente das regras que é preciso observar para agir.(Bonnewitz, 2003 p.77)

Daí acreditarmos nas dificuldades e conflitos entre o que se aprende e o que efetivamente se aplica no meio em que se vive.

Em um outro momento uma das professoras do núcleo profissionalizante resume essas indagações com um posicionamento a essas questões quando nos disse:

Não tenho nenhuma ilusão de que isso vá acontecer em 4 anos, 5 anos, 10 anos, apesar da gente ver que existe um processo de crescimento. Mas mudar a realidade ambiental daqui da região, 30 anos talvez... Uma vez um professor disse pra mim: educação é trabalho de 30 anos , por que é trabalho de geração pra geração ... Então é... Eu desanimo quando vejo que estão desmatando os morros, apesar de tudo que a gente ta tentando ensinar. Porque a formação técnica ela não consegue, ela nunca conseguiu em 25 anos responder às necessidades que o produtor rural efetivamente tinha.(professora do núcleo profissionalizante)

E ainda retratada por outra professora do núcleo comum entrevistada:

Você não pode chegar e dizer que eu sou técnico e tudo que você está fazendo está errado, não é assim. É uma experiência é uma prática de anos e anos. Ao mesmo tempo aos poucos isso pode ser modificado como a questão da queima dos solos ... Sem contar que tem toda uma questão ambiental. Então isso é um processo eu acho... Mais lento esse retorno. Até muitas vezes, uma pessoa, que pratica determinado ato que não é considerado correto, ela não se modifica de um dia para o

outro. O Agrotóxico, por exemplo. Se diminuir um pouco, o produto sai muitas vezes um pouquinho menor, mas, mais saudável. Mas e aí? Tem a questão do comércio, do lucro, da venda aquela coisa toda. Então é um retorno mais lento, mas há uma troca. A comunidade participa e acredita nos ensinamentos da escola, o que eu acho interessante. (professora do núcleo profissionalizante).

Restaria para análise a questão: Por que apesar de todo conhecimento passado aos alunos, em relação aos danos que os agravos ambientais causam ao meio, dentre eles o desmatamento de morros, exemplo citado pela entrevistada, a comunidade continua fazendo isto? Podemos retornar a Gimonet e lembrar que ele sugere que a pedagogia da alternância deve ser mais do que uma pedagogia ativa, mas experimental. Entendemos o experimental como um conceito, que nos fala das vivências tidas pelos alunos, no ambiente de trabalho, na atividade produtiva, no manejo da terra passado de pais para filhos, relacionados ao processo de ensino-aprendizagem. Isto porque as vivências, isto é, a experimentação da realidade e da forma como ela se produz, possibilita aos educandos uma reflexão sobre o mundo no qual ele vive e trabalha. E isso, pedagogicamente trabalhado, é o que fundamentalmente pode mudar a sua subjetividade e fazer com que ele resignifique sua forma de atuar nesse mundo, produzindo uma realidade diferente da atual.

Pode-se utilizar Loureiro para ampliar a análise que desenvolvemos no caso estudado. Quando este autor nos fala dos elementos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem, verificamos que, sem a internalização devida dos fatos, não adianta respostas quantificáveis, tornam-se necessárias ações educativas que levem a uma maior reflexão do contexto que cada um

vive e a percepção do meio ambiente, com seus constituintes, juntamente com as fragilidades que o cerca; eis o que nos diz Loureiro:

Os projetos que estabelecem os temas geradores sem um processo de diagnóstico participativo que propicie o reconhecimento coletivo dos problemas, e cujo sentido de sucesso se resume a metas quantificáveis obtidas em prazos curtos de tempo ou à busca de soluções pontuais, dificilmente são bem – sucedidos em termos de fortalecimento de ações educativas reflexivas. Ao se subordinarem às características culturais e as necessidades materiais de determinados grupos em nome do ambiente reificado, tende-se a impor normas de conduta e a instrumentalizar as soluções apontadas. Em conseqüência, tornam-se duvidosas as possibilidades de transformações qualitativas da realidade e de articulação dos elementos estruturantes do processo de ensino – aprendizagem (conteúdo formal, espaços sociais de atuação política, contexto cultural, subjetividade e intersubjetividade). Grifos nossos. (Loureiro, 2004 p.46 e 47)

Na dinâmica da Educação Ambiental na escola, o trabalho mais especificamente ocorre na elaboração de planos. Ele gira muito em torno da questão do manejo do solo, das plantas, uma presença muito marcante no decorrer das atividades profissionalizantes. Segundo uma das educadoras,

a agricultura não pode ser só isso. Tem uma questão econômica, tem uma questão social e a questão própria do manejo. Então assim a terra é vista como a fonte de produção de renda para as famílias, elas devem cuidar daquilo ali. Porque a terra é a fonte do trabalho delas. Se houver um desgaste dessa terra, futuramente a região vai empobrecer. Então deve-se ter respeito e uma visão a passar para as gerações, que a terra é um bem que não é só nosso, é da humanidade... Só que para isso, tem que manejar sua terra de forma que ela não se degrade tanto, tem que respeitar a água, respeitar a fauna do local, por que isso tudo interfere, nas vidas futuras... Então assim o que eu consigo enfocar, é isso. Por que a região é muito convencional e se você entrar numa de que hoje todo mundo vai deixar de ser convencional vai ser produtor orgânico, isso não é fácil. Não é de uma hora pra outra, e... É um processo de transição, então você tem que respeitar ...Acho que é um processo que só a História vai poder contar pra gente. (professora do núcleo profissionalizante)

É comum às vezes, o aluno ter uma visão errada sobre essa questão. Ele acha que, se numa área já existe degradação ela pode ser mexida sem maiores preocupações porque ali já existe instalada a degradação. Um trabalho de estudo ambiental torna-se necessário e com a implantação da disciplina Gestão Ambiental, é mostrado a eles que qualquer ação do homem no meio pode causar impacto ambiental. E se um espaço já está degradado e vai se implantar algo ali, isso aumentará ainda mais este impacto. Nesta disciplina, os alunos aprendem coletivamente a fazer um esboço de um RIMA (Relatório de Impacto Ambiental), que norteará o Projeto Profissional que deve ser apresentado ao final do curso.

Em meio às múltiplas realidades colocadas; como a vislumbrada/desejosa pela direção, a atemorizada/envolvida da equipe profissionalizante, a dificultada/comprometida pelos professores do núcleo comum, a esperançosa/desconfiada dos alunos e as nostálgicas/duvidosas dos ex-alunos, deparamos com várias escolas dentro de um mesmo contexto. Uma certeza brota daí: a inconclusão a que todos pertencemos.

Ao trazermos à tona a discussão das questões educação / meio ambiente / sobrevivência / inconclusão do ser, nos remetemos aos ensinamentos do Paulo Freire, quando nos diz que:

O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente... a inconclusão se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca histórico – sócio – culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mas ainda, a curiosidade é já conhecimento. (Freire,1999 p. 61)

Acreditamos, compartilhando do mesmo ponto de vista de Pedrini, 1997, p.72, na “educação ambiental como permeadora de uma educação transformadora e construtora de novas posturas, hábitos e condutas”.

Considerações finais:

Na política da Educação Ambiental proposta pela Pedagogia da Alternância, a escola é como um todo, cuidada pelos alunos, os quais sentem pertencentes ao espaço. A questão da pertença, do habitat como territorialidade e apropriação do espaço se fazem presentes. A educação ambiental fomenta novas atitudes, novos valores nos sujeitos, onde o processo ensino – aprendizagem implica um questionamento do conhecimento passado e do sistema educacional atuais, como novas vias para apropriação do saber. Isso pressupõe internalizar na ciência da educação o conceito de ambiente, que em sua complexidade traz esse novo olhar e fazer pedagógicos.

Em relação ao trabalho interdisciplinar que envolve a questão da Educação Ambiental, percebemos uma fragmentação nítida entre o núcleo básico e o núcleo profissionalizante. O núcleo básico apresenta uma preocupação muito grande em relação ao conteúdo clássico do Ensino Médio, que o conduz a um certo distanciamento das questões ambientais. Os professores do núcleo profissionalizante entrevistados ficam mais á vontade ao realizarem discussões com os alunos sobre as conseqüências, caso não sejam aplicadas no cultivo, técnicas corretamente sustentáveis.

Fica claro nas entrevistas aplicadas ao diretor, professores, e ex-alunos, e questionários aplicados aos alunos, uma certa falta da prática dialógica entre disciplinas, pais, alunos, direção e comunidade. Percebemos um grupo preocupado com a formação desses jovens, poucos recursos e investimentos na efetivação pedagógica da proposta da alternância, principalmente nas questões humanas, em se tratando de uma maior disponibilidade para que os

professores possam dedicar mais tempo a essa proposta pedagógica que exige um tempo diferenciado por também ser ela diferenciada.

Embora se faça esse trabalho em nível disciplinar com a disciplina Gestão Ambiental, fica a sensação de que o processo ocorre de maneira linear. Talvez pelo fato de não ocorrer com o envolvimento da comunidade em si, a ação se dá de forma individual, isolada do contexto cultural. Sem uma ação coletiva, em um processo de mobilização dialógica propiciada pela reflexão-ação, dentro e fora da própria escola envolvendo os produtores rurais, a associação de moradores da região, fica difícil haver uma apropriação de uma nova dimensão ambiental.

Concluimos que somente a transferência de conhecimento não é capaz de operar mudança de comportamento nos alunos, mesmo que isso se dê pelo método das pedagogias ativas, é necessário mudar o universo simbólico de cada um, a forma como significam seu próprio meio.

Inferimos que a Pedagogia da Alternância, no caso estudado, tenha conseguido com sucesso, agregar conhecimento, o acúmulo de informações, sensibilizar os educandos com os cuidados com a própria escola, mas não tenha conseguido alterar o significado que os alunos atribuem ao seu próprio meio, à sua realidade, o que por sua vez, não possibilita que os mesmos atuem na realidade no sentido de modificá-la. Sendo assim, mesmo com todo o conhecimento adquirido em relação aos agravos que os tradicionais métodos de produção agrícola causam ao meio, continuam por praticar ações que provocam esses mesmos agravos, em um movimento de repetição da situação anterior.

Essa percepção de que não estamos prontos, e sim em processo contínuo de buscas e mudanças, serve como um alento, pois podemos incorporar novos valores e ressignificar nossa existência, onde a consciência do mundo e a consciência de si como seres inacabados necessariamente nos mobilizam num permanente movimento de busca, onde a Educação Ambiental seria uma luz apontando para uma educação transformadora e construtora de novas posturas, hábitos e condutas. Seria uma contradição se, inacabados e conscientes desse inacabamento, não nos inseríssemos em tal movimento. É neste sentido que, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e, em sua integralidade estar com os outros, numa troca dialógica contínua.

A educação, contudo, se afirma num processo permanente a partir da nossa percepção do nosso inacabamento. Assim nos tornamos educáveis, movidos pela esperança de chegarmos lá. Somos enfim, processos contínuos... inacabados. Embora não estejamos prontos, acreditamos na capacidade da terra dar bons frutos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVARENGA, Iara Valéria. **Educação Ambiental no Distrito Federal: histórico, Princípios, Objetivos e Finalidades.** Anais do I Encontro do Fórum de Educação Ambiental do DF – FEADF, Brasília, maio, 2000.44-79p.

BEGNAMI, João Batista. **A Formação de Professores em Alternância: Um Estudo da Práxis e dos Processos Formativos de Monitores em Escolas Famílias do Brasil.** Projeto de Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa – Portugal. 2003.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**, trad. Lucy Magalhães. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ORTIZ, Renato (org) – **Pierre Bourdieu: sociologia**, trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi – São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre, Le mort saisit le vif. As relações entre a história reificada e a história incorporada. In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, trad. Fernando Tomaz, 2005, p.74-106.

BOURGEON, Gil. **“Sócio-Pedagogie”**, Ed. Mesonance, Paris, 1979, p. 11-40

BRASIL, Ministério da Educação. **A implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília : MEC, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e saúde**. Vol. 9. Brasília: MEC, 1997.

CALAZANS, Maria Julieta Costa. **Estudo Retrospectivo da Educação Rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IESAE, 1979.

CALIARI, Rogério Omar. **Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Local**. Lavras: UFLA;2002.

CALVO, Pedro Puig. Centros Familiares de Formação em Alternância. In União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. **Pedagogia da Alternância – Alternância e desenvolvimento**. Salvador: UNEFAB, 1999.

CHEQUETO, J. Educação e Formação em Agro ecologia. In: **Encontro Nacional de Agroecologia – Textos para debate**. Rio de Janeiro: ENA/ Núcleo Executivo, 2002. Obra Coletiva. 84p.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC-UNESCO, 2001.

DIAS, Genebaldo Freire. **Fundamentos da Educação Ambiental**. Brasília : Ed.Universa, 2000.

FORGEARD, Gilbert. Alternância e Desenvolvimento do Meio. In: **Pedagogia da Alternância; Alternância e desenvolvimento** (União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil). Salvador, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática** 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra , 1987.

FROSSARD, Antônio Carlos. **Identidade do Jovem Rural Confrontando com o Estereótipo de Jeca Tatu. Um Estudo Qualitativo com Jovens da EFA Rei Alberto I**. Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa – Portugal. 2003.

GIMONET, J. C. A alternância na formação. Método pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das MFRs – In Noel et Pilon Jean – Marc “**Altenance, Développement et Local**”, Demol Jean –, coordinateurs, l’Harmattan, Paris, 1998.

GIMONET, J. C. A Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: As casas familiares rurais de educação e de orientação. In **Pedagogia da Alternância – Alternância e desenvolvimento**. Salvador: UNEFAB,1999. Janeiro 1979, p. 51-62.

JORGE, A.O. **A gestão hospitalar sob a perspectiva da micropolítica do rabalho vivo**. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva).

LAVILLE, Christian; **DIONNE**, Jean. **A Construção do Saber. Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed, ed. UFMG, 1999. 340p.

LEFF, Enrique – **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder** trad. Lúcia Mathilte Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUDKE, Menga; **ANDRÉ**, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. SP: EPU, 1986.

MAGELA NETO, Othílio. **Quinhentos Anos de História do Ensino Técnico no Brasil, de 1500 ao Ano 2000**. Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2002./256p.

MALGLAIVE, G. “**La formation alternée dès formateurs**” in SIDA nº 297.

MINAYO, M.C.S.; **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro; Hucitec-Abrasco, 1999.

MOREIRA, Flávio; **BEGNAMI**, João Batista. **Os Fundamentos da Pedagogia da Alternância**. Piuma – ES: EFES, 1996. Monografia do Curso de Especialização Lato Sensu. Universidade Federal do Espírito Santo, MEPES: Piuma – ES, 1996.

PARDO DÍAZ, Alberto. **Educação Ambiental como Projeto**. Trad. Fátima Murad. – 2 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2002. (p. 31-38).

PEDRINI, A. de G. **Educação ambiental; reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 1997.

PHILIPPI Jr, Arlindo; **PELICIONI**, Maria Cecília Focesi. **Educação Ambiental: desenvolvimento de cursos e projetos**. São Paulo, Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Núcleo de Formação em Saúde Ambiental. Signus Editora, 2000.

PINEAU, Gastón. Alternância e Desenvolvimento Pessoal – A Escola das Experiências. In **União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil - Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento**. Salvador: UNEFAB, 1999.

ROCHA, Maria Isabel Antunes. A Construção Histórica da Escola no Meio Rural. In: Maria Isabel Antunes Rocha - **Escola Família Agrícola; construindo educação e cidadania no campo**. – Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004. 84p. il – (Alternância Educativa e Desenvolvimento Local, 2).

SANTOS, Jailson Alves dos. A Trajetória da Educação Profissional. In: Org. Eliane Marta Teixeira Lopes Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga - **500 anos de educação no Brasil** - 3ª ed., - Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 608p. (Coleção Historial, 6).

SEHNEM, Dirce Terezinha Drebel. **Escola e ensino agrícola** – São Miguel do Oeste: McLee, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho – “**A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**”. – Revista Brasileira de Educação. Nº 20. Rio de Janeiro/Campinas: Anped/Autores Associados, 2002.

SILVA, Lourdes Helena da. **As Representações Sociais da Relação Educativa – Escola Família no Universo das Experiências Brasileiras de Formação por Alternância**. São Paulo: PUC, 2000. Tese de Doutorado do Departamento de Psicologia: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de, Eurides Brito da Silva. **Educação: escola-trabalho**. São Paulo: Pioneira, 1984. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Educação).

UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO BRASIL. Apresentação dos CEFAS. Brasília: UNEFAB, 2002.

Anexos

ANEXO 1:



Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação
Coordenadoria Regional da Região Serrana II
EFA - Colégio Estadual Rei Alberto I
UA. 18-6965

Estrada dos Três Picos, s/nº, Baixada de Salinas, Distrito de Campo de Coelho – N. Friburgo
– RJ Cep.: 28630.000



COLÉGIO ESTADUAL REI ALBERTO I
E A
PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

UMA AVALIAÇÃO PELA COMUNIDADE ESCOLAR.

Nova Friburgo, 28 de junho de 2005.

Introdução.

O presente levantamento tem por objetivo construir um quadro sócio-econômico da clientela desta Unidade de Ensino, bem como obter informações sobre como a comunidade avalia os instrumentos pedagógicos e as suas contribuições para a comunidade escolar. Além disso, objetivou-se também colher informações relativas a opinião das famílias sobre mudanças no funcionamento da escola, para a melhoria na qualidade do nosso atendimento.

Também foi feito o mesmo levantamento com os alunos da 8ª série da Fazenda Escola Rei Alberto I, de onde se originam 80 %, em média, dos alunos que se matriculam no primeiro ano.

Para realizar esta pesquisa foram apresentados para as famílias questionários que deveriam ser preenchidos pelos pais juntamente com o aluno e retornados em breve. De modo geral, procurou-se verificar os seguintes aspectos:

- Dados sociais das famílias dos alunos.
- Avaliação do conhecimento da família em relação à proposta pedagógica da escola.
- Opinião sobre possíveis transformações na proposta da escola, criação de novo curso e, para os alunos da 8ª da Fazenda Escola Rei Alberto I, um levantamento de quantos alunos pretendem se matricular no Ensino Médio.

Os questionários enviados tiveram um retorno de 70%, tendo a apuração dos dados apresentada nas páginas seguinte.

Na página final é apresentada uma conclusão, onde fazemos um encaminhamento geral dos fatos.

APRESENTAÇÃO GERAL DA ANÁLISE DOS DADOS.

Total de questionários enviados: 115.

Questionários devolvidos/ válidos para a computação: 80 ou 69,57%

BLOCO I – DADOS SOCIAIS DOS ALUNOS.

Item 1- Origem dos alunos:

100% são oriundos da zona rural.

Item 2 – Situação da residência.

58,75% - própria.

8,75% - alugada

26,25% cedida

responderam: 6,25%

Não

Item 3 – Renda familiar.

1 a 3 salários mínimos: 76,25%

4 a 6 salários mínimos: 13,75%

mais de 7 salários: 5%

responderam: 5%

Não

Item 4 – Número de membros da família residentes.

1 a 3 pessoas: 18,75%

4 a 6 pessoas 70%

7 a 10 pessoas: 6,25%

mais de 10 pessoas: 0%

responderam: 5%

Não

Item 5 – Envolvimento da família com atividades agropecuárias.

Sim: 75%

Não: 17,5%

responderam: 7,5%

Não

Item 6 – Relação da família com a utilização da terra para a produção.

Própria: 38,75%

Arrendada: 13,75%

Meeiros: 21,25%

Parceiros: 12,5%

Outros:

Emprestada: 2,5%

11,25%

Não responderam:

Item 7 – Atividades dos alunos relacionadas à produção agrícola e aos trabalhos domésticos.

Sim: 57,5%

Não: 5%

Às vezes: 26,25%

Só nas tarefas domésticas: 10%

1,25%

Não responderam:

BLOCO II - CONHECIMENTO DA FAMÍLIA EM RELAÇÃO À PROPOSTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA.

Item 8 – Porque a escola foi escolhida pela família, ao matricularem seus filhos.

Porque é perto de casa:	22,5%
Por causa da formação técnica concomitante com o Ensino Médio.	66,25%
Outros:	
Gosta do Projeto da Escola	2,5%
Sempre ouviu falar bem da escola	2,5%
Falta de opção.	1,25%

Não responderam: 5%.

Item 9 – Acompanhamento dos pais em relação às atividades escolares.

Sim: 71,25%

Não : 2,5%

Às vezes: 26,25%

Não responderam: 0

Item 10 – Opinião da Família quanto à Pedagogia da Alternância.

Bom : 97,5% Porque: - 33,75% - com esta proposta os alunos podem estudar e ao mesmo tempo ajudar a família nos trabalhos agrícolas.

- 15%- Com a alternância os alunos têm tempo de aplicar em casa e repassar para aos pais o aprendizado técnico obtido junto à escola.

- 3,75% - Esta proposta permite integrar o trabalho do aluno com seu aprendizado.

- 6,25% - Os alunos ajudam os pais a inovar na produção.

- 1,25% - O aluno consegue ter um tempo específico para o estudo e outro para o trabalho junto à família.

- 1,25% - A eficiência da escola nesta proposta está comprovada com seu tempo de existência.

- 1,25% - O estudo no processo da alternância permite que o jovem estude e trabalhe, sem prejudicar a renda e a sobrevivência da família.

- 2,5% - Os pais podem acompanhar melhor o desenvolvimento profissional do filho.

- 2,5% - Este processo estimula um melhor convívio entre o jovem e a família.

- 3,75% - O processo pedagógico facilita os alunos para fazer estágios e cursos e a implantar o projeto profissional.

Ruim: 2,5% Porque: Minha filha não tem o que fazer na semana inversa.

Acumula muita tarefa de escola e trabalho de casa na semana inversa.

Não responderam: 0

Item: 11 – O que o aluno faz de trabalho familiar na semana inversa?

Trabalha na produção agropecuária: 61,25%

Ajuda nas tarefas domésticas: 31,25%

Outras:

É empregado de um sítio 1,25%

Funcionário do Parque Estadual 1,25%

Faz cursos extras 5%

Não responderam: 0

Item 12 – O que seu filho espera após a sua formação como técnico em Agropecuária?

- Trabalhar como técnico em agropecuária:

51,25%

- conseguir um emprego mesmo que não seja como técnico em agropecuária:

36,25%

- Trabalhar com a família:

11,25%

- Continuar os estudos em nível superior:

2,5%

- Outros:

- Satisfazer-se profissionalmente:

2,5%

Não responderam: 0

Item 13 – Contribuição do Plano de Estudo para a família.

Sim: 82,25%

Por quê:

. 33,75% - Leva novos conhecimentos para a família e a comunidade.

. 13,75% - Envolve a família e a comunidade no processo de aprendizagem do jovem.

. 8,75% - Os planos de estudo tratam de problemas de nossa região.

. 5% - Pais e filhos trocam experiência na hora das entrevistas.

. 5% - Estimula o diálogo entre pais e filhos.

. 16% Permite à família dialogar sobre os problemas da agricultura e sobre as novas técnicas de produção.

Não: 3,75%

Porque:

. Há uma grande repetição dos temas.

. Não há retorno das informações que vão para a escola.

Não responderam: 16%

Item 14 – Importância da exigência de implantação de um projeto profissional para a conclusão do Curso Técnico em Agropecuária.

Importante: 66,25%

Porque:

. 25% - O aluno aprende na prática o conhecimento técnico.

. 10% - Fortalece o conhecimento técnico do aluno.

. 10% - É uma forma do jovem mostrar ao mercado de trabalho a sua capacidade técnica.

. 5% - Representa uma especialização do futuro técnico nas áreas em que ele mais tem afinidade.

. 5% - Incentiva o jovem ao empreendedorismo e a ter seu próprio negócio.

. 11,25% - Recebendo um apoio da família, poderá vir trazer novas rendas.

Desnecessário: 6,25% Porque:
.2,5% - A idéia que os alunos têm para o projeto não reflete o desejo da família.
. 2,5% -O projeto não representa o que o aluno realmente deseja para seu futuro
.1,25%- Não tem muita utilidade na hora de arranjar emprego.
Não responderam: 27,5%

BLOCO III – OPINAR SOBRE POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES NA PROPOSTA DA ESCOLA.

Item 15 – Opinião das famílias quanto à possibilidade de se ter internato na escola para todos os alunos, conforme propõe a Pedagogia da Alternância.

Sim: 28,75% Porque:
. 2,5% - Para que o aluno, quando estiver na semana família, dedique-se somente ao trabalho
. 2,5% - Para que o aluno possa desenvolver o companheirismo, a solidariedade e facilitar a troca de experiências.
.6,5% - Para que o colégio realmente integre a proposta de uma Escola Família Agrícola.
. 1,25% Para que o aluno possa ser melhor acompanhado pela escola.
. 16% - Somente para os alunos que moram longe.

Não: 68,75% Porque:
.25% - O custo de manutenção de um dormitório é alto para as famílias.
. 18,75% - Os alunos moram próximos da escola e não justificam ficar fora de casa.
. 17,55% - A família necessita que os alunos ajudem nos momentos de colheita em plantio, antes do horário da escola ou após seu retorno.
. 5%- Os jovens precisam de controle e presença da família nesta fase de adolescência.
. 2,5% - Os alunos perderiam sua liberdade. Não responderam: 2,5%

Item 16 – Que outro curso técnico deveria ter na escola.

Administração:	62,5%
Turismo:	26,25%
Outras:	
Eletricista	3,75%
Mecânica:	3,75%
Normal:	2,5%

Enfermagem: 1,25%
Bombeiro hidráulico: 1,25%
Desenho: 1,25%

Não responderam:0

Item 17 – Alunos de 8ª da Fazenda Escola Rei Alberto I que se matricularão no Ensino Médio – técnico em Agropecuária. Obs. Valores calculados a partir da resposta de 42 alunos.

Sim: 26 alunos, 61,9%
Não: 2 alunos, 4,76%
Indeciso: 14 alunos, 33,34%

Item 18 – Comentários, críticas e sugestões para melhoramento da escola.

- Um grande número de famílias disseram estar satisfeitas com o funcionamento da escola, com a aplicação da pedagogia da alternância e com a concomitância do curso técnico com o ensino médio. Porém, demonstraram preocupação com a necessidade de se ter espaços cobertos para as atividades físicas dos alunos, com a criação de novos cursos de técnicos, preferencialmente concomitantes com o ensino médio.
- Sugeriram em grande número também o oferecimento de atividades recreativas, como dança, bordados, tricô, crochê, desenho, artesanato e cursos de aperfeiçoamento, com curta duração.
- Sugeriram mais aulas práticas para o curso técnico.
- Houve um grande número de questionários que deram parabéns à escola por propor uma formação que visa a responsabilidade dos alunos através de tarefas diárias, do Plano de Estudo, do Projeto Profissional e o Caderno de Acompanhamento.

CONCLUSÃO.

Após a avaliação dos dados, foi possível estabelecer o seguinte quadro:

Com relação aos dados sociais dos alunos, temos uma clientela totalmente originária das áreas rurais, em sua grande maioria do Terceiro Distrito de Nova Friburgo. Encontramos também alunos originários de outras localidades de Nova Friburgo e também de Municípios vizinhos, como Sumidouro e Duas Barras. A grande maioria das famílias reside em casa própria e têm renda de até três salários mínimos. As famílias não são muito numerosas, tendo em média de quatro até seis pessoas por casa. Estas famílias, em sua quase totalidade, sobrevivem do trabalho agrícola e utilizam terras na condição de meeiros, tendo um percentual considerável de proprietários e arrendatários. Os alunos, também em sua grande maioria, trabalham junto com a família na produção agrícola.

Quanto ao conhecimento dos pais em relação à proposta da escola, pode-se constatar que um número relevante de alunos está matriculado no Colégio Estadual Rei Alberto I, em virtude da concomitância do Curso Técnico em Agropecuária com o Ensino Médio, funcionando com a Pedagogia da Alternância. Neste caso, tal funcionamento da escola permite os filhos ajudarem os pais na semana inversa, aplicar o conhecimento técnico adquirido na produção da família e aprenderem a partir de sua realidade.

As famílias demonstraram incerteza quanto ao futuro profissional de seus filhos, pois à metade interessa que estes trabalhem como técnico (seja em empresas, fazendas ou junto com a família), outros querem que os filhos trabalhem independentemente da função ou do emprego. Um número bastante limitado de famílias preocupa-se com a continuidade dos estudos de seus filhos a nível superior.

Para um número bastante significativo de pais, o Plano de Estudo é um instrumento pedagógico eficiente, porque a partir dele a família tem acesso a novos conhecimentos, envolve a comunidade no processo de aprendizagem do jovem, estimula o diálogo com a família e valoriza as experiências e o conhecimento oriundo do meio familiar.

Um percentual razoável de pessoas acha importante a implantação de um projeto profissional para a conclusão do curso técnico, por caracteriza-lo como um processo importante para que o aluno demonstre seu aprendizado técnico, estabeleça uma nova atividade para a família e de oportunidade ao jovem de gerar sua própria renda. Ahamos que este percentual não foi maior, pois os pais dos alunos da 8ª série da Fazenda Escola e da 1ª série ainda não estão familiarizados com este processo, que só começa na 2ª série.

No que diz respeito à consulta referente às possíveis mudanças no funcionamento da escola, percebeu-se uma rejeição expressiva no que se refere à implantação de internato obrigatório para os alunos em geral, pois os pais acham importante acompanhar seus filhos nesta fase da adolescência, por necessitarem da mão-de-obra dos filhos antes de virem ou após o retorno da escola, pela proximidade das moradias em relação ao colégio. E ainda sugeriram, em número inferior à maioria, que o internato seja oferecido somente aos alunos originários de outros municípios.

Perguntados sobre a possibilidade de criação de um novo curso técnico, os pais sugeriram, em sua grande maioria, o curso de administração. Em um segundo lugar, em número bem inferior, o curso de turismo.

Dentre os alunos da oitava série da Fazenda Escola Rei Alberto I, 61,9% afirmam que irão matricular-se neste colégio para cursar o Ensino Médio e em concomitância o curso Técnico em Agropecuária, e 34% afirmam ainda não terem decidido onde irão cursar o Ensino Médio no próximo ano. Levando em consideração o número de procura de vagas que se tem tido nos últimos anos e que este colégio só tem a capacidade de comportar 1 turma de 1ª série do Ensino Médio, com no máximo 30 alunos, não conseguiremos atender a toda a demanda por procura de matrículas, por falta de espaço e de mobiliário escolar.

Essas conclusões podem permitir um redirecionamento do trabalho, bem com um aperfeiçoamento dos itens avaliados e aprovados pela comunidade, a fim de que a escola possa desempenhar seu papel de modo a contribuir cada vez mais para o desenvolvimento dos jovens da região.

RELATÓRIO REALIZADO PELA DIREÇÃO DA EFA-COLÉGIO ESTADUAL REI ALBERTO I E PELA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA.

ANEXO 2

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PESQUISA: Educação Ambiental no Contexto da Pedagogia da
Alternância: Um Olhar Sobre a Escola Família Agrícola Rei Alberto I –
Nova Friburgo-RJ
PESQUISADORA: Eucilene Maia Franco

QUESTIONÁRIO
ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO/PROFISSIONALIZANTE
TURMA -2006
EFA REI ALBERTO I – NOVA FRIBURGO - RJ

Data do Nascimento: _____

Sexo: _____

Local de Nascimento: (Cidade/Bairro/Distrito):

1. Situação da residência:

- 1. () própria
- 2. () alugada
- 3. () cedida

2. Renda Familiar:

- 1. () 1 a 3 salários mínimos
- 2. () 4 a 6 salários mínimos
- 3. () mais de 7 salários mínimos

3. Número de pessoas que moram em sua casa:

- 1. () 1 a 3 pessoas
- 2. () 4 a 6 pessoas
- 3. () 7 a 10 pessoas

4. Envolvimento da família em atividades agropecuárias:

- 1. () sim
- 2. () não

Em caso afirmativo, especifique: () criação de gado

() lavoura

() outros: _____

5. Relação da família com a utilização da terra para a produção:

1. () própria
2. () arrendada
3. () meeiros
4. () parceiros
5. () emprestada

6. Atividades do aluno relacionadas à produção agrícola e aos trabalhos domésticos:

1. () sim
2. () não
3. () às vezes
4. () só nas tarefas domésticas

7. Motivo da escolha dessa escola:

1. () é perto de casa
2. () devido à formação técnica concomitante com o Ensino Médio
3. () gosta do Projeto da Escola
4. () sempre ouviu falar bem da escola
5. () é a única escola acessível

8. O acompanhamento das atividades escolares por seus pais ou responsáveis, ocorre:

1. () sempre
2. () nunca
3. () às vezes

9. Sua formação como técnico em Agropecuária concomitante com o Ensino Médio na modalidade da Pedagogia da Alternância, é para você uma experiência:

1. () boa
2. () ruim
3. () indiferente
4. () não tinha outra alternativa

10. O que normalmente você faz de trabalho familiar na semana inversa?

1. () trabalha na produção agropecuária
2. () ajuda nas tarefas domésticas
3. () é empregado de um sítio na região
4. () é funcionário do Parque estadual Três Picos
5. () faz cursos extras
6. () outras atividades: Especificar:

11. O que você espera após a sua formação como técnico em Agropecuária?

1. () trabalhar como técnico em Agropecuária
2. () conseguir um emprego mesmo que não seja como técnico
3. () trabalhar com a família
4. () continuar os estudos em nível superior
5. () outros. Especificar:

Em relação à contribuição dos planos de estudo para a sua família: (marque o que for mais relevante para você).

1. () leva novos conhecimentos para a família e a comunidade
2. () envolve a família e a comunidade no seu processo de aprendizagem
3. () facilita as trocas de experiências entre você e os seus familiares
4. () estimula o diálogo entre você e a sua família
5. () não contribui, pois há uma repetição dos temas
6. () não há retorno das informações que vão para a escola

12. A exigência de um projeto profissional para a conclusão do Curso Técnico em Agropecuária, é:

1. () importante
2. () desnecessária

Cite o tema que você desenvolverá em seu projeto:

Motivo que o levou a escolher esse tema:

13. O número de aulas práticas e teóricas nas disciplinas técnicas, em sua opinião, é:

1. () suficiente
2. () insuficiente

14. A sua formação como técnico em Agropecuária permite uma maior reflexão em relação às questões ambientais?

1. () Sim
2. () Não
3. () às vezes

Porque, _____

15. Onde você sente um maior contato com as questões ambientais?
1. () nas disciplinas do núcleo comum do Ensino Médio
 2. () nas disciplinas técnicas
 3. () em ambas as disciplinas
 4. () em nenhuma delas
16. Você conhece o termo Desenvolvimento Sustentável?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
17. Você conhece o termo Educação Ambiental?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
18. No curso, você recebe instruções relacionadas ao manejo dos recursos naturais de forma sustentável?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
19. Os seus professores fazem a abordagem da Educação Ambiental?
1. () sim
 2. () não
 3. () às vezes
20. Você acha que há um envolvimento entre a escola e a comunidade rural, no sentido de preservar os recursos naturais da sua região?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
21. Você percebe contradições entre o que você aprende na escola e o que é feito pelos agricultores na região?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
22. Você percebe contradições entre o que você aprende na escola e o que é feito pelos seus familiares na região?
1. () sim
 2. () não
 3. () mais ou menos
23. A Pedagogia da Alternância facilita ou dificulta a aplicação dos conhecimentos adquiridos na escola, em sua comunidade?
1. () facilita
 2. () dificulta
 3. () indiferente

24. Você já teve separadamente a disciplina Educação Ambiental?

1. () sim

2. () não

25. Você conhece o termo interdisciplinaridade?

1. () sim

2. () não

26. Você tem conhecimento de algum projeto, trabalho ou pesquisa que envolva mais de uma disciplina conjuntamente, em seu curso?

1. () sim

2. () não

28. No seu projeto profissional para a conclusão do curso, houve preocupação em relação à preservação dos recursos naturais?

1. () sim

2. () não

3. () mais ou menos

29. Como você vê o projeto de cultivo de sementes e mudas de espécies da Mata Atlântica, que está acontecendo na sua escola?

1. () importante

2. () desnecessário

30. Você teve alguma participação na execução desse projeto?

1. () sim

2. () não

Em caso afirmativo, especifique o tipo de participação:

31. Em algum momento, houve discussão em sala de aula a cerca desse projeto?

1. () sim

2. () não

32. No decorrer do seu curso, você aprendeu algo sobre agricultura orgânica?

1. () sim

2. () não -----(segue para a questão 34)

33. Você conhece, na região, algum agricultor que desenvolva o cultivo orgânico?

1. () sim

2. () não

34. No decorrer do seu curso, você aprendeu algo sobre controle biológico de pragas?

1. () sim

2. () não -----(segue para a questão 36)

35. Você conhece, na região, algum agricultor que aplique o controle biológico de pragas?

- 1. () sim
- 2. () não

36. Como você vê a utilização dos agrotóxicos nessa região?

- 1. () necessária
- 2. () desnecessária
- 3. () não tem outra alternativa.

37. A forma como é abordado, na escola, o manejo dos agrotóxicos, é esclarecedora, em relação dos seus efeitos?

- 1. () sim
- 2. () não

38. Você já fez uso de agrotóxicos em algum tipo de cultivo?

- 1. () sim
- 2. () não

39. De todas as orientações dadas pela escola em relação ao manejo dos recursos naturais,

qual você considera mais importante para a sua vida e a vida de sua família?

40. Aponte os principais pontos positivos e negativos do curso:

a. Positivos:

b. Negativos:

41. Quais as principais dificuldades que você enfrenta em relação ao curso e que alternativas tem encontrado para fazer frente a elas?

a. Dificultades:

b. Alternativas:

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)